

ZOOM PORTUGAL

APRESENTAÇÃO

Zoom in Portugal

Quem não deseja ir, estar com familiares e amigos de cara descoberta, respirar a natureza sem filtros, deixar o "zoom" e fazer "zoom in" a tantos recantos de Portugal, aproximando-se de lugares e pessoas, templos e florestas, montanhas e praias?

O confinamento deixa marcas na economia e sobretudo nas pessoas. Limita relacionamentos, impossibilita habitar a casa comum, sentir a natureza, tocar o outro, entregar-se a caminhos de justiça, solidariedade, paz, espiritualidade. E como é necessário abraçar largos horizontes, os que desafiam ao cuidado dos outros, à criatividade sustentável, à vida saudável.

Visitar é um caminho para o cuidado, a criatividade e a saúde, no corpo e no espírito! Sobretudo quando leva a ambientes inesperados, que surpreendem pela beleza e pelo assombro, no interior e no litoral, em contexto de culto ou de cultura.

É essa proposta que a Agência ECCLESIA faz neste mês de agosto, com propostas que podem determinar um desconfinamento saudável! Não partem de um local, de uma redação, mas das 21 dioceses de Portugal.

Obrigado a cada diocese, a quem escolheu destinos a visitar e apresentou recantos e particularidades que permanecem aparentemente distantes de quem passa... E obrigado a todos os leitores por reservarem alguns minutos para conhecer sítios, templos, miradouros, centros de culto e de cultura nas 21 dioceses de Portugal. A leitura destas páginas é, por certo, o primeiro passo para uma visita. A fazer ou, pelo menos, a programar!





ONPT: trabalhar para estimular um verdadeiro encontro de pessoas

A 14 de maio, quando tomávamos posse no Santuário da Mãe Soberana, em Loulé (Algarve), definia-se este setor – o da Pastoral do Turismo - como um «setor de fronteira». Consideramos ser esta (dentro daquilo que a Igreja Católica pode e deve fazer na sociedade para a promoção do bem comum) uma área que toca diversas outras áreas: a economia, a integração social, a promoção dos bens culturais e patrimoniais, bem como a sua conservação, a formação dos cidadãos e dos agentes mais ligados às atividades turísticas. O turismo, que noutros momentos de crise foi decisivo para alavancar a recuperação económica do país, vive atualmente e por causa da pandemia provocada pela Covid 19, momentos muito difíceis. A Igreja, como

maio, o presidente da Comissão da Pastoral Social e Mobilidade Humana, D. José Traquina, assume as «preocupações sociais» com este setor, em particular no que toca às pessoas que nele trabalham. Por isso, antes de qualquer outra coisa, a ONPT procurará sempre ser uma força positiva e empenhada, no sentido de ajudar a cuidar das pessoas, de replicar boas práticas, de favorecer o encontro de culturas e de garantir a visibilidade da espiritualidade católica presente no património artístico. Deste modo, a missão da Obra Nacional da Pastoral do Turismo (ONPT) não poderá nunca ser concretizada sem que se estabeleçam sinergias com entidades públicas e privadas, com universidades e todas as entidades que possam estar disponíveis e atuem no sentido de potenciar atividades turísti-



comunidades católicas (um exemplo disso são os casamentos realizados por estrangeiros no nosso país, que de forma muito efetiva contribuem para a vida das populações).

Trabalhar e colaborar na criação de iniciativas que permitam criar uma rede de igrejas preparadas para visitas turísticas, valorizar o património material e imaterial é um desafio para a ONPT e exige o envolvimento das comunidades, de forma que se possa passar, a quem a visita os locais de a ela ligados (templos, santuários, museus, coleções), a mensagem, a verdade, o sentido de pertença característicos e identitários dos católicos. Este trabalho passa, naturalmente, pela divulgação do património religioso, recorrendo áquilo que o mundo da comunicação hoje nos disponibiliza, como as plataformas digitais, mas também pela realização de outras iniciativas, que passam pelo estabelecimento de diálogo com organismos no seio da Igreja Portuguesa (Comissões Episcopais, Dioceses, etc.). A valorização do Ministério do Acolhimento, as jornadas da ONPT, a participação na próxima edição internacional da Jornada Mundial da Juventude, o desenvolvimento dos Caminhos de Santiago são alguns exemplos das ações nas quais a ONPT pretende envolver-se, sempre estabelecendo parcerias e trabalhando em cooperação.

Esta equipa coordenada pelo Pe. Miguel Neto, é composta por pessoas com diferentes experiências neste setor ou pertencentes a equipas diocesanas da Pastoral do Turismo (Sandra Côrtes-Moreira - Algarve, Alexandrina Fernandes - Bragança-Miranda, Margarida Franca - Coimbra e José Pimenta - Lisboa), bem como o CEO do Grupo Pestana, José Theotónio e a diretora do Mosteiro de São Vicente de Fora (Lisboa), Joana Sousa Coelho. O que desejamos é colocar aquilo que sabemos e as nossas vontades e disponibilidades ao serviço da Igreja e de todos os que, em relação com ela, possam promover o turismo como uma atividade que estimula um verdadeiro encontro de pessoas. Como diz o Papa Francisco, «se eu visito uma cidade, é importante que eu conheça não somente os monumentos, mas também a história que existe por trás dela, como vivem os seus cidadãos e quais os desafios que enfrentam».



Nem só de Sol e praia se vivem as férias de Verão...

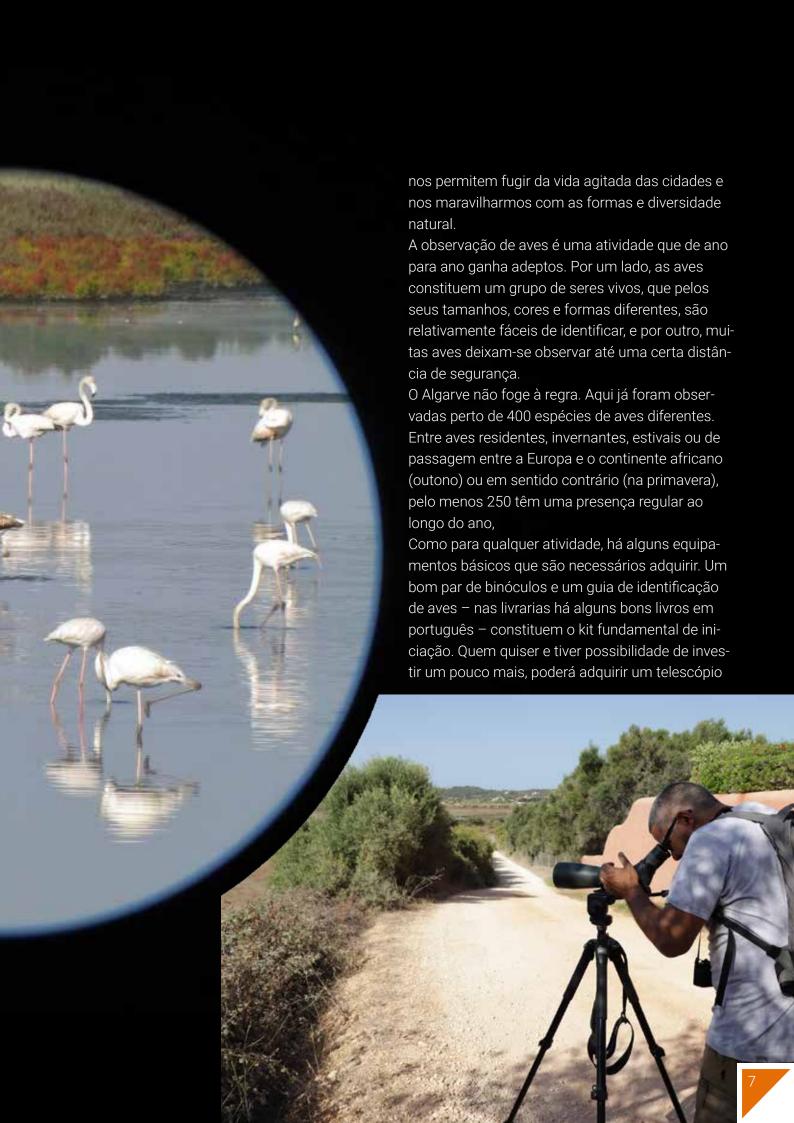
Tanto ansiadas, as férias são um tempo de pausa. Um período durante o ano que nos deleitamos com o repouso, saímos da rotina e se possível procuramos descobrir novos destinos ou rever locais onde fomos felizes.

O Algarve, conhecido pelas suas praias de areia branca, as águas azuis do mar e a temperatura amena, sendo um destino de eleição para descansar e fazer atividades diferentes durante os meses de Verão, tem muito mais para ser visitado. Durante as férias aventure-se e parta à descoberta da natureza. Entre caminhar e observar aves, muitas são as possibilidades para contemplar o mundo criado que nos rodeia.

Em praticamente todos os municípios do Algarve, do litoral à serra, no barrocal ou na costa sudoeste, há uma grande oferta de percursos naturais que







e respetivo tripé. Como alternativa, uma máquina fotográfica e uma boa objetiva, com as quais poderá registar as suas observações para mais tarde recordar e identificar, tem sido a opção de muitos dos novos observadores de aves.

As zonas húmidas no litoral do Algarve - sapais e salinas de Castro Marim e Vila Real de Santo António; a Ria Formosa, entre sapais, ilhas barreira, laguna e salinas; a Lagoa dos Salgados, ou Ria de Alvor, com o seu complexo lagunar e sapais, protegidos do mar por um longo sistema dunar - são os locais a visitar para quem quer iniciar-se na observação de aves. Em qualquer destes locais poderá observar aves a alimentar-se ou a descansar. Os flamingos, colhereiros, garças e cegonhas são as aves de maior porte que se observam; entre as de média dimensão, destacam-se os maçaricos-galegos, pernilongas e várias espécies de gaivotas e patos; e entre as aves mais pequenas, sobressaem pilritos e borrelhos. Nos campos e matos limítrofes são muitas as espécies de passeriformes que se escondem no interior da vegetação. Para as vermos devemos parar e esperar em silêncio. Estas pequenas aves aos poucos retomam a sua atividade,

deixando-se observar. Durante um percurso poderá ser também surpreendido pelo planar de uma ave de rapina ou pelos voos e mergulhos acrobáticos das andorinhas-do-mar-anãs sobre as águas. Praticamente todas estas zonas têm percursos balizados e informação disponível, seja na internet ou no próprio local, que permitem preparar uma visita com algum detalhe.

Qualquer que seja o motivo, nestas férias, aventure-se!... Parta à descoberta, caminhe, contemple e deixe-se maravilhar pelo admirável mundo criado que nos rodeia. Quando regressar das férias irá estar mais desperto para o mundo natural que o circunda e com a prática irá conhecer e juntar-se aos atuais milhares de amantes da natureza.

Filipe Bally (biólogo) Portimão, 23/07/2021

Sites a consultar: www.avesdeportugal.info www.turismodoalgarve.pt www.spea.pt







APONTAMENTOS PARA VISTAS VÁRIAS Os Açores são nove ilhas e não uma, espalhadas por 600 km de distância...

Alinho, abaixo, notas curtas sobre algumas coisas da minha lista particular, variadas como são as ilhas, profundas na sua relação íntima entre a fé, a religião e os lugares..., com a infeliz certeza de ser injusto. Por isso, mantenha os olhos abertos e o espírito curioso, quando andar por aqui.

Francisco Maduro-Dias

Museólogo

(Presidente da Comissão Diocesana Justiça e Paz)

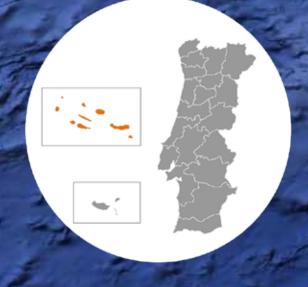
Corvo

Santa Cruz das Flores

Velas

Angra do

Horta . Madalena



SANTA MARIA

A capela dos Anjos, onde Colombo terá estado; o teatro do Espírito Santo, na freguesia de Santo Espírito, dos mais simples das ilhas e dos mais primitivos. Claro que pode e deve visitar a *Matriz de Vila do Porto* e contemplar a belíssima fachada de pedra da ilha, da igreja da freguesia de Santo Espírito.





SÃO MIGUEL

Evidentemente que deve tentar visitar o antigo **Convento da Esperança**, onde se guarda a imagem sagrada e respeitadíssima do Senhor Santo Cristo dos Milagres, devoção maior, nas ilhas. Não deixe, porém, de entrar e deixar-se ficar, um bocadinho que seja, na Matriz de São Sebastião, em Ponta Delgada, de tentar visitar o conventinho da Caloura e, por favor, vá dar uma olhadela à chamada igreja dos Passos, na Ribeira Grande, primor barroco.

Ponta Delgada

Vila Franca Do Campo

Vila do Porto



TERCEIRA

Só **Angra do Heroísmo**, sede da Diocese, teve oito mosteiros, conventos e colégio da Companhia de Jesus. Cinco coisas, das muitas: A Sé, com uma linda estante de cantochão, em estilo indo português, mas com madeira do Brasil e embutidos de material ebúrneo de cachalote. É um trabalho açoriano; O órgão de Machado Cerveira, na Igreja de S. Francisco; Os frescos do século XVI – únicos nestas ilhas – na matriz de São Sebastião, redescobertos nos anos 50 do século XX; A imagem do Imaculado Coração de Maria da escultora portuense Irene Vilar, na igreja paroquial dos Biscoitos; o altar da família de Francisco Ornelas da Câmara, peça do barroco quinto joanino, na Matriz da Praia da Vitória.



GRACIOSA

Hesito entre dizer-lhe para subir ao **monte da Ajuda** e deambular por entre as três ermidas que o coroam ou visitar a Matriz e contemplar o políptico de pintura sobre madeira, atribuído ao mestre de Arruda dos Vinhos, raro conjunto, pela época recuada e qualidade, de toda a pintura religiosa nas ilhas. É melhor visitar os dois locais.

FAIAL

A *Matriz da Horta*, que é a antiga igreja do colégio jesuíta, alberga outra estante de cantochão, parente da da Sé de Angra. Há, aqui, mais um altar com frontão em prata que vale a pena olhar. Ao cimo da cidade, mas vale a pena subir, vá sentar-se um bocado a ver o lindíssimo retábulo do altar do Santíssimo, da igreja do antigo convento do Carmo. Se puder, tente ainda ver a coroa do Espírito Santo da freguesia dos Cedros. É diferente das que conhece.



PICO

A ilha é grande, mas deixo-lhe três sugestões: A imagem do Senhor Bom Jesus Milagroso, em São Mateus do Pico, o templo do antigo convento de S. Pedro de Alcântara, no Cais do Pico, concelho de S. Roque, e visite a *Criação Velha* onde a simplicidade do edifício do império do Espírito Santo contrasta com a riqueza das suas festas em honra do Paráclito.





SÃO JORGE

pode deambular pela ilha e verá coisas lindas, mas deixo-lhe uma recomendação. Visite, com calma e tempo, a *igreja de Santa Bárbara das Manadas*. Quando lhe perguntarem por exemplos do modo de ser ilhéu, fale-lhes do que viu, neste templo, ancorado numa plataforma junto ao mar e encostado à imperiosa falésia da ilha.



FLORES

Duas coisas: *igreja do antigo convento francis-cano*, hoje integrada no museu e – escolha a que quiser – uma Casa do Espírito Santo. Aqui, no grupo ocidental dos Açores, são casas quase iguais às outras, apenas ostentando, na parede, uma bonita coroa esculpida em pedra. É como se o Espírito quisesse confirmar que permanece entre as gentes de cada lugar, habitando uma casa como as suas.

CORVO

A pequenina igreja Matriz guarda duas lindas curiosidades. O pesado rosário de oiro, ao que consta oferta do pirata Almeidinha à padroeira da ilha e uns bancos que, como muita coisa nos Açores, "vieram da América". Estranhos, mas muito confortáveis, a vontade dos corvinos fez com que viessem de uma antiga sinagoga encerrada e hoje embelezam a igreja da mais pequena ilha dos Açores.



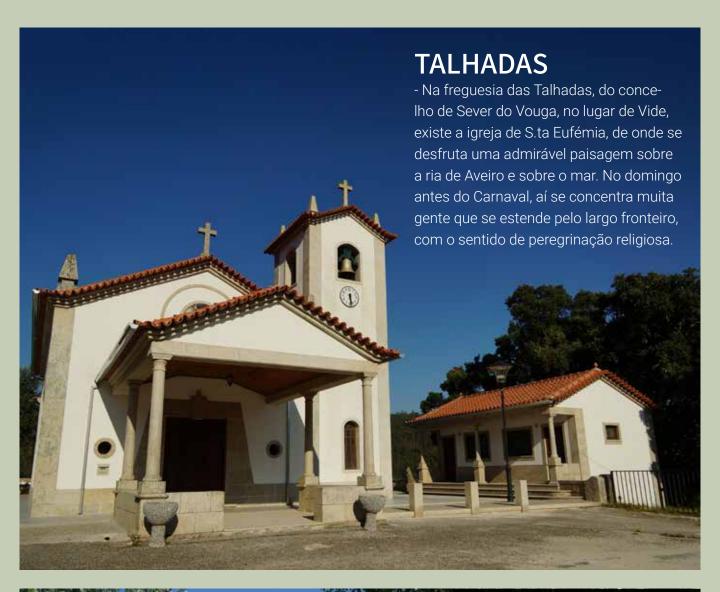
AVEIRO

Igrejas e santuários de peregrinação

Texto: Monsenhor João Gaspar









VAGOS

- Conta a tradição que o Santuário de S.ta Maria de Vagos vem desde o ano de 1185; localiza-se à distância de cerca de um quilómetro da vila, no meio de um vasto ermo campestre, propício a grupos de peregrinos e devotos que, de longe e de perto, aí vão viver momentos de oração. Anualmente, na segunda-feira depois do domingo do Pentecostes, acorrem alguns milhares de pessoas, provenientes de Vagos, de Cantanhede e de muitas outras povoações.



ALBERGARIA-A-VELHA

- Na freguesia de Albergaria-a-Velha, no Bico do Monte, destaca-se a igreja de N.sa Senhora do Socorro, edificada em 1856-1857 em obediência ao voto que a população fez, se se visse liberta da epidemia "cólera-morbus" que atormentava intensamente o nosso País; na vila, em outubro de 1953, a morte ceifara quarenta e três pessoas. A doença desapareceu, rezando-se então preces de ação de graças, que se repetem em todos os anos. A igrejinha inicial, ampliada em 1880-1883 dado o número progressivo de peregrinos, foi beneficiada com várias remodelações posteriores.



MOGOFORES

- Os Salesianos de Dom Bosco são uma congregação religiosa que exerce a sua ação educativa sobretudo junto dos jovens mais desfavorecidos; também estão na freguesia de Mogofores (Anadia) desde 1938, onde foram desenvolvendo várias valências educativo-pastorais: - seminário, primeiro com noviciado e depois com aspirantado, oratório festivo, aulas de alfabetização de adultos, imprensa, paróquia, santuário e colégio.





Santuário de Nossa Senhora do Carmo, Moura

O conjunto monumental onde sobressai o Santuário de Nossa Senhora do Carmo, foi a primeira sede da Ordem dos Carmelitas na Península Ibérica, depois da sua chegada da Terra Santa. O convento foi construído no período gótico pelos cavaleiros hospitalários, em 1251.

Em 1347, D. Nuno Álvares Pereira, fronteiro mor do Alentejo, manda construir o Convento do Carmo, em Lisboa. Para este Convento vieram Religiosos do Convento de Moura, solicitados e indicados pelo próprio D. Nuno. É a partir daqui que os Carmelitas vão irradiar para todo o Portugal e ainda para o Brasil.

Quanto ao edifício, o tempo encarregou-se de apagar na pedra a lembrança do seu estilo de origem e outros gostos artísticos sobrevieram nos séculos posteriores, nomeadamente o renascentista patente no pórtico de mármore.

No interior, são dignas de nota as capelas laterais.

Na primeira do lado direito, dedicada a Santa Ana, destaca-se um pórtico da Renascença e na quarta, do mesmo lado, a abóbada cruzada de nervuras é forrada por um lindo padrão de azulejos policromos. Do lado esquerdo, a primeira capela dedicada a S. Martinho tem o tecto forrado de azulejos amarelos e azuis.

O pórtico em mármore do Renascimento é encimado pelas armas do arcebispo de Braga, D. Baltasar Limpo, prelado natural de Moura, que a mandou edificar.

As Festas em honra de Nossa Senhora do Carmo são das que mais gente movimentam em todo o Alentejo. A esta devoção está também ligada uma das músicas marianas mais conhecidas em todo o País.

Está prevista para breve uma intervenção de restauro na Igreja, bem como do Convento anexo à Igreja.



Basílica Real, de Castro Verde

Erigida sobre a antiga matriz de Castro Verde, a Basílica Real de Nossa Senhora da Conceição data dos inícios do século XVIII, e tem a sua existência associada ao discurso de glorificação da lenda da Batalha de Ourique, inscrita, desde há muito tempo, no imaginário português e na matriz histórica da nossa realeza.

D. João V corporizou e traduziu esse espírito no favorecimento que deu à obra; no título de Basílica Real atribuído à nova matriz e nas mais diversas encomendas régias com que enriqueceu e valorizou o seu recheio.

A escala do edifício, e a proteção da coroa à sua construção, tornaram-na uma obra grandiosa, de fachada robusta, compartimentada, com alçado dominado pela presença de duas torres sineiras, composição que contrasta com o espaço interior,

elegante, de uma só nave, na qual se exibe, preenchendo as superfícies parietais, um conjunto notável de painéis Joaninos historiados de exaltação da Batalha de Ourique e um magnífico altar-mor de talha dourada, da mesma época.

A Basílica Real, depois de uma primeira intervenção nas coberturas, paredes, portas e janelas, foi beneficiada com o restauro integral da pintura mural do Coro Alto e está a iniciar-se uma intervenção de grande fôlego, que levará ao restauro da pintura do tecto.

Integrado neste imponente Templo situa-se o Tesouro da Basílica, do qual sobressai uma das obras mais icónicas da Diocese de Beja, a "Cabeça de S. Fabião".

(Site do Município de Castro Verde)







Igreja de Santa Maria da Feira, Beja

Esta Igreja, sede de uma das 4 Paróquias da Cidade de Beja é também a Matriz da Cidade, e é possuidora de um património extraordinário, por muitos desconhecido e, neste momento, necessita de uma intervenção profunda quer no seu exterior, de grande complexidade e monumentalidade, quer no seu interior, para o qual já existe um projecto. A construção da Igreja de Santa Maria iniciou-se no último terço do Século XIII, no local outrora ocupado por uma igreja visigótica e por uma mesquita árabe, após a doação régia à Ordem de Aviz, em 1270.

É uma Igreja de planta longitudinal, com 3 naves abobadadas à mesma altura e capela-mor no eixo da nave central, com galilé adossada à fachada principal e a torre sineira afastada do corpo da nave.

A Igreja possui Retábulos de talha de excelente qualidade técnica e artística em particular o da Capela de São Miguel Arcanjo. O Retábulo-mor em madeira encerada de linhas neo-clássicas tem de cada lado uma portada de acesso à cabeceira.

Nesta são ainda visíveis as nervuras da cobertura primitiva e vestígios de pinturas murais. Este Retábulo esconde a primitiva Capela - Mor Gótica, com janelas ogivais entaipadas. Na nave, do lado do Evangelho desalientar: o altar de Jesus ou das Dores de Maria, com um retábulo em talha dourada de estilo rococó; o altar de Nossa Senhora do Rosário com retábulo de talha dourada barroco, de estilo nacional, com uma Árvore de Jessé ocupando toda a tribuna. É um dos mais belos exemplares no nosso País. De destacar ainda o altar de Nossa Senhora das Dores com retábulo em talha dourada neoclássico. Do lado da Epístola: a capela do Santíssimo Sacramento, com abóbada e paredes. Anexa à Igreja, situa-se a Capela de Nossa Senhora do Rosário, que passou por diversas transformações ao longo da história, uma das quais foi ter sido transformada em agência bancária, num projecto de Pardal Monteiro. Hoje funciona aqui um Núcleo museológico, visitado por milhares de turistas nacionais e estrangeiros, que se maravilham com os seus 6 painéis de azulejos do Século XVIII, reproduzindo alguns dos Mistérios do Rosário.

Santuário do Bom Jesus do Monte

desde 1882).

Horário de Abertura:

08h00-18h00 (ultimo domingo de outubro a ultimo sábado de março)

08h00-19h00 (ultimo domingo de março a ultimo sábado de outubro)

Missas:

Ultimo domingo de outubro a ultimo sábado de março Segunda a sexta-feira - 16h30

Sábado - 08h30 Domingo - 08h00; 11h00; 16h30

Ultimo domingo de março a ultimo sábado de outubro Segunda a sexta-feira - 17h00

Sábado - 08h30 Domingo - 08h00; 11h00; 17h00

Marcação de visitas:

E-mail: geral@bomjesus.pt Telf.: +351 253676636

Morada:

Bom Jesus do Monte 4715-056 Tenões

Web: www.bomjesus.pt

Situado na União de Freguesia de Nogueiró-Tenões, em Braga, o Santuário do Bom Jesus do Monte insere-se numa área de 26,5ha, constitui-se num conjunto arquitetónico-paisagístico integrado por uma Basílica, um escadório monumental ladeado por 19 capelas dedicadas ao tema da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, uma área de mata, Jardins complementados por uma rede de caminhos e um conjunto de lagos e grutas, hotéis e um funicular (o mais antigo do mundo a funcionar com o sistema de contrapeso de água

As origens do santuário remetem-nos ao século XIV, embora só tenha começado a ganhar importância já no século XVII, quando surgiu a Confraria do Bom Jesus do Monte (1629). O carácter monumental dos edifícios religiosos só se concretizou no final do século XVIII e início do século XIX, altura em que as estruturas edificadas foram



completadas por um grandioso templo da autoria do arquiteto Carlos Amarante. Considerado por G. Bazin como "O santuário mais perfeito que o Cristianismo alcançou", destaca-se pela sua relevante arquitetura, desde o barroco ao neoclássico, como pelas suas esculturas, a simbologia dos espaços, o pensamento religioso e a piedade popular. Nos finais do séc. XIX foi o Santuário mais importante do país.

A importância deste Santuário comprova-se pela influência que teve na construção de outros Santuários, servindo de inspiração ao Santuário de Nossa Senhora dos Remédios em Lamego e ao Santuário de Bom Jesus de Matosinhos, na cidade de Congonhas, no Brasil.

A igreja foi elevada à dignidade de basílica-menor em 5 de julho de 2015.

Está inscrito na Lista do Património Mundial da UNESCO desde 7 de julho de 2019, como Paisagem Cultural.



Igreja de Santa Cruz

Horário de Abertura:

Segunda a sexta

09h30 - 12h30

15h00 - 19h00

Sábado - 9h30-11h00

Missas:

Todos os dias - 11h00 e 18h00

Marcação de visitas:

E-mail: geral@irmandadesantacruz.pt

Telf.: +351 253205900

Morada:

Largo Carlos Amarante 11

4700-308 Braga

Web: https://irmandadesantacruz.pt/patrimonio/

arquitetonico/

A Igreja de Santa Cruz foi construída no século XVII, em estilo barroco maneirista; o exterior é todo em pedra trabalhada com simetria central e possui no seu interior talha dourada invulgar. A nave, muito alta, é formada por uma abóbada de pedra esquartelada. O interior da igreja ostenta o traço de Frei José de Santo António Vilaça. A parte central da fachada divide-se em dois registos, com remate em frontão e aletas. No primeiro patamar, quatro colunas dóricas caneladas com entablamento, cujo friso apresenta, em baixo-relevo, os instrumentos da Paixão de Cristo, com a figura do galo em cada extremo, que evoca a negação de Pedro. No segundo patamar, quatro pilastras jónicas estria-





das, com entablamento interrompido por óculo que se estende para o frontão. Os panos apresentam quadros ornamentais (os laterais encimam janelas): ao centro, a Santa Cruz com resplendor e dois estandartes de mastros cruzados; do lado esquerdo, uma árvore de fruto (a árvore do Paraíso); do lado direito, uma palmeira com uma coroa real. No frontão encontra-se a pedra de armas de D. João VI, colocada quando o soberano, em 11 de outubro de 1822, elevou a irmandade de Santa Cruz à categoria de Real. A coroar a fachada, três esculturas: Santa Helena a sustentar a Cruz, ladeada por duas figuras em genuflexão, de armadura e manto, com o cetro e a coroa aos pés. Nas laterais da fachada, duas torres altaneiras, com sinos que espalham música por toda a cidade. E, em cada torre, um relógio.

No interior poderá ser visitado o Museu da Irmandade de Santa Cruz, localizado numa das alas da Igreja.



Horário de Abertura:

Terça a domingo: 9h30 – 12h30; 14h30 - 18h00 Encerra à segunda-feira

Marcação de visitas:

E-mail: info@museupioxii.pt Telf.: +351 253 200 130

Morada:

Campo de Santiago, 47 4704-532 BRAGA

Web: https://www.museupioxii.pt/

O Museu Pio XII convida-o para uma viagem de sonho. Irá tirar o bilhete (do comboio imaginário) no Paleolítico.

lá muito atrás, entre 2,5 milhões e 250 000 anos antes de Cristo. Na espera do trem, poderá comer uma peca de

caça e apreciar uma pintura rupestre. Viajará para o Mesolítico. Uma vez chegado, acampará junto ao rio. Deverá gastar algumas horas na pesca. Voltará para o comboio. A paragem seguinte será no Neolítico. Verá gente a cultivar campos, com a ajuda de animais; e a construir casas. Pensará que nada mais existe para além da pedra?! – Vai ser

convidado a retornar ao caminho. Verá, ao passar no calcolítico, como se funde o cobre. E contemplará as rodas e os arados. Não o deixarão desistir: há mais metais bonitos e bem trabalhados nas estações seguintes, as do bronze e do ferro. E não deixará de dar uma mirada no ouro e na prata. E nas cerâmicas. O novo apeadeiro fá-lo-á descer no tempo dos romanos. Que enorme território. Que grandes construções. Uns, ali, a adorar os deuses. Daquele lado, outros vão ao teatro. Que bonitas as lucernas...

Entretanto, uma luz brilhará nas trevas... E o comboio chegará ao destino. Aí dará para ver um Menino em Belém; uma Mãe com Ele ao colo; uma cruz no Calvário; um coração rasgado; e um mundo redimido. Eis a grande viagem que no Museu Pio XII poderá realizar. Ainda lhe falaremos dos Mártires e dos Grandes Santos Medievais, do Concílio de Trento, dos Jesuítas e de

S. Frei Bartolomeu dos Mártires, da relação da Igreja com o mundo, da ação social da Igreja e das atuais devoções, que nos conduzirão de Braga até Fátima. Enfim, viajaremos dos primórdios da humanidade até aos dias de hoje!





A segunda proposta, exclusiva, dedicar um dia para visitar as igrejas da cidade de Bragança. As diferenças merecem atenção, escondem-se na arquitetura e na arte, escondem lendas e testemunhos humanos... mas no final, ali, acontece o anúncio do mesmo Evangelho e a celebração da mesma fé. Esta visita deve iniciar na **catedral**. É importante descobrir a singularidade e particularidade desta em relação às outras igrejas. Inaugurada no ano de 2001; a primeira construída no séc. XXI. É dedicada a Nossa Senhora Rainha. O sacrário tem a forma geográfica da diocese; a fonte batismal é distinta,

os painéis de Mário Silva e Ilda David escondem uma mensagem. Contemple-se ainda a Pietà do Mestre José Rodrigues acompanhada de um poema de S.ª Emin.ª Cardeal Tolentino Mendonça. Aos domingos, a Eucaristia das 18h, habitualmente presidida por D. José Cordeiro, é antecedida pelo canto da oração de Vésperas.

Concluída esta visita, progrida para a **igreja de São João Baptista**; inicialmente destinada a convento de irmãs (Clarissas), acabou por funcionar como colégio dos padres da Companhia de Jesus. Em 1766, instalou-se aqui o Seminário Diocesano que



efetuou obras de ampliação. Vale a pena visitar além do interior, o claustro e a sacristia pela mensagem comunicada na pintura. Siga para a **igreja** de São Vicente, revestida de uma belíssima talha; deixe-se maravilhar pela lenda: aqui casaram Dom Pedro I e Dona Inês de Castro. Após esta, avance para a **Igreja de Sta. Maria** (castelo) onde se destaca o tecto e sobretudo a raríssima imagem de Santa Maria Madalena. É ainda imperativo passar na igreja da Misericórdia - construída em 1539 - por força do retábulo maneirista de grande

valor, que apresenta como figura central Nossa Senhora da Misericórdia. Muito próximo está o santuário de Nossa Senhora das Graças, também conhecido como igreja de Sta. Clara. Este convento - datado de 1569 - destinava-se acolher as filhas dos cidadãos de Bragança. Nele venera-se N. Sr.ª das Graças, padroeira da cidade, cuja imagem é de uma beleza ímpar... e diante da qual poderá pedir alguma graça. Havendo tempo, o périplo pode estender-se à igreja dos Santos Mártires, à igreja do Santo Condestável, entre outras.





Roteiro de Santuários

Ao apresentar algumas sugestões de visita a alguns dos Santuários da Diocese de Coimbra, refiro três — um dedicado ao Senhor Jesus e dois a Nossa Senhora — tendo por base um critério geográfico: privilegiando o Nordeste, o Sul e o Centro da Diocese. São apenas três sugestões de visita, das múltiplas que poderiam ser feitas, se considerássemos, desde logo, algumas das nossas cidades, toda a beira-mar e a riqueza do nordeste da Diocese. Assim, apresentarei uma breve referência aos Santuários do Senhor da Serra, em Semide (Miranda do Corvo); da Senhora do Mont'Alto, em Arganil; e de Nossa Senhora do Pranto, em Dornes (Ferreira do Zêzere).

Bibliografia:

Cf. Maria do Rosário Barardo – *Santuários de Portugal. Caminhos de Fé*. Prior Velho, Paulinas Editora, 2015. [Diocese de Coimbra].

Cf. Carlos Alberto da Graça Godinho – Roteiros Marianos. Do Concílio de Trento à atualidade. In *Devoções e Sensibilidades Marianas: da memória de Cister ao Portugal de hoje*. Livro do XIII Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões. São Cristóvão de Lafões, 2018, p. 198.

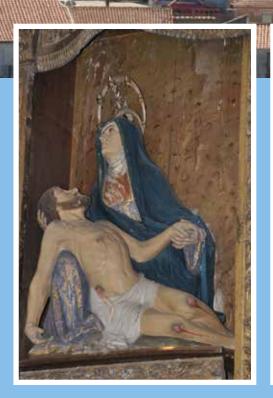
Cf. Altares Marianos. In Visit Portugal – Caminhos da Fé (disponível em http://www.pathsoffaith.com)

Coimbra, 06 de Julho de 2021 Pe. Carlos Alberto da Graça Godinho

Santuário do Senhor da Serra

– situado num monte, acima da sede de freguesia – Semide – dali se pode fruir uma bela paisagem, com vista para a cidade de Coimbra, para a zona litoral e para toda a região montanhosa, numa visão ampla e diversificada da paisagem que o envolve. O Santuário primitivo remonta ao século XVII, dedicado ao Senhor Santo Cristo da Serra – o Cristo Crucificado –, numa história que o relaciona com o Mosteiro

Beneditino de Santa Maria de Semide. Santuário de grande expressão regional, pois a ele acorriam muitos romeiros, particularmente até meados do século XX, foi reformado, após a demolição da primitiva ermida, nos finais do século XIX, dando lugar à atual igreja, de planta em cruz latina, da autoria do mestre conimbricense António Augusto Gonçalves, ficando concluído em 1904.







Santuário de Nossa Senhora do Mont'Alto (Monte Alto)

Situado num monte sobranceiro à Vila de Arganil, de onde lhe provém o nome, é um belíssimo miradouro, de vistas amplas, permitindo-nos contemplar o vale do rio Alva, a Serra do Açor e os campos que se estendem pela estrada da Beira. Um dos acessos ao santuário é feito pela escadaria, de dois lanços convergentes, onde encontramos diversas capelas, de que destacamos as dedicadas ao Senhor da Agonia, ao Senhor da Ladeira e à Santíssima Trindade. A Igreja, dedicada a Nossa Senhora do Monte Alto, foi edificada nos inícios do século XVI (por volta de 1520), sofrendo várias alterações ao longo dos tempos, sendo as mais recentes as intervenções feitas em 1960. De planta longitudinal e de fachada simples, destaca-se, no seu interior, o retábulo-mor e os altares colaterais. No camarim do altar-mor, do século XVIII, está colocada a imagem de roca, da Padroeira.







Nossa Senhora do Pranto

Situado no alto da belíssima península de Dornes, envolvida pelo rio Zêzere, o Santuário de Nossa Senhora do Pranto destaca-se, desde logo, pela atual Torre Sineira, uma construção templária medieval, localizada ao lado do templo.

De construção gótica, maneirista e barroca, do primitivo templo restam apenas algumas inscrições. De planta longitudinal e pórtico de verga reta, em empena triangular, o interior, de nave única, surpreende pela riqueza azulejar que reveste totalmente as paredes da igreja, com azulejos de padrão policromo, do século XVII. O teto, com cobertura de madeira, ostenta uma pintura do escudo da Rainha Santa Isabel. Destacam-se, ainda, o altar-mor, em talha dourada, do século XVII, onde se enconta a imagem de Nossa Senhora do Pranto; e o órgão de





tubos, numa das paredes laterais, recentemente restaurado.

Este espaço natural, aprazível, com o Zêzere a envolver toda a península, acolhe todos os anos vários círios: alguns das paróquias vizinhas, mas igualmente outros de paróquias mais distantes, da Diocese de Coimbra e do norte da vizinha Diocese de Santarém.

Igreja São Francisco e Capela dos Ossos, Évora

É no coração da cidade de Évora, entre o aglomerado do seu casario e o buliço da cidade, que a Igreja
de São Francisco manifesta todo o seu esplendor
e magnificência. Aqui nasceu a primeira casa
franciscana, no século XII e continua a ser hoje um
testemunho da mensagem do Poverello de Assis.
A sua relevância e os desgastes do tempo, aconselhariam a sua reedificação e ampliação nos finais
do século XV. Respeitando os limites originais, as
três naves foram substituídas pela nave única, coberta pela arrojada abóbada gótico-manuelina que
atinge vinte e quatro metros de altura. É a maior
nave peninsular e acolhe um património de incomensurável valor.

O Convento de São Francisco de Évora está intimamente ligado à história dos monarcas da expansão marítima portuguesa que elegeram a cidade do Sem Pavor como a segunda cidade do Reino. Aqui se albergavam sempre que os ares de Lisboa o aconselhavam. Dom Afonso V escolheu mesmo este espaço conventual para nele se instalar nas suas deslocações à cidade-museu contribuindo, deste modo, para o seu engrandecimento como



capela real. A ligação à realeza ostenta-se nos símbolos da magnificente nave de abóbada ogival: a cruz da Ordem de Cristo e os emblemas dos reis fundadores, D. João II e D. Manuel I.

A sua traça arquitectónica gótico-manuelina está bem patente nas ameias e torres das fachadas bem como no pórtico principal e na abóbada que evidencia a espiritualidade do lugar. A extensa nave do templo, é ladeada por dez capelas, compostas por retábulos de talha dourada e policromada (século XVIII) e de estuques (século XIX). O retábulo actual da capela-mor é da segunda metade do século XVIII, em mármores alentejanos. Nele se expõem as grandes imagens de São Francisco e São Domingos, como era hábito nas igrejas franciscanas. Nos alçados da capela estão duas belíssimas janelas marmóreas renascentistas, de

onde a Família Real assistia aos ofícios religiosos (no século XVI).

Data dos séculos XVI-XVII a construção da Capela dos Ossos, edificada no primitivo dormitório dos frades. A sua construção partiu da iniciativa de três frades franciscanos como espaço de reflexão sobre o carácter efémero e transitório da vida. Emblemática é a frase que domina o frontispício da capela: "Nós, ossos que aqui estamos, pelos vossos esperamos!" A persuasão que este lugar exerce nos visitantes tornou-o um dos ex-libris mais relevantes da cidade de Évora.

Fruto das recentes obras de requalificação que abrangeram todos os domínios, desde o reforço da estrutura ao restauro integral das obras de arte, foi recuperado o espaço do antigo dormitório dos frades onde está patente uma magnífica exposição de arte sacra. As galerias superiores foram também recuperadas para uma exposição de presépios, cedida para o efeito pelo General Canha da Silva. Do seu terraço acessível, pode disfrutar-se duma luminosa vista sobre a cidade.

Segundo uma tradição consistente, aqui está sepultado, em lugar incerto, o primeiro dramaturgo



Santuário Nossa Senhora D'aires

A pouco mais de vinte quilómetros de Évora, a Vila de Viana do Alentejo revela-se com toda a sua dignidade de Vila transtagana, rica de história e de património. Nos seus arredores, transposto o perímetro urbano, somos surpreendidos por uma erupção de fogo branco, nascido da terra e erguido, como um hino, pela devoção dum povo: é o Santuário de Nossa Senhora d'Aires. Plantado na planície, brilha como uma prece inesperada e de uma beleza ímpar que extasia o peregrino e acolhe, dadivoso, o visitante.

Reza a memória que um lavrador, já em tempo de Reconquista Cristã, ao lançar o arado à terra, encontrou uma imagem de Nossa Senhora da Piedade de pedra de Ançã, num pote de barro. Tal achamento foi recebido como uma bênção do céu e sinal de protecção divina. O templo singelo, então erguido, depressa se tornou lugar de devoção e de peregrinações. De muitos lugares, afluíam devotos, romeiros e peregrinos para pedir e agradecer à Senhora d'Aires as graças do céu.

No século XVIII, sendo exíguo o espaço, o P. João Batalha que também era arquitecto, empreendeu a ampliação da ermida quinhentista, dando uma configuração ao templo mais condizente com o simbolismo do lugar. A fachada com as suas torres sineiras não esconde a influência da arquitectura de Mafra. De planta de cruz latina, uma só nave e cobertura de abóbada de berço, é um templo bem proporcionado em estilo rococó. No parecer de muitos, um dos melhores exemplares do Rococó ao sul do Tejo. Ao entrar, ressalta a imponência do baldaquino de talha dourada, de generosas dimensões, que funciona como capela-mor com deambulatório, encimado por um resguardo envidraçado que acolhe a imagem de Nossa Senhora d'Aires, para a veneração dos fiéis.

Para além do constante movimento de visitantes e peregrinos, salienta-se a romaria anual, que data de 1748, no último fim de semana de Setembro e a romaria a cavalo no quarto fim de semana de Abril, que percorre a antiga canada real, ao longo de 120 Kms, desde a igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem da Moita do Ribatejo até ao Santuário da Senhora d'Aires.

Nos espaços adjacentes, no piso térreo, pode visitar-se uma impressionante mostra de ex-votos que testemunha a devoção à Senhora D'Aires. Em preparação, nas galerias superiores, está um núcleo museológico que albergará o magnífico recheio acumulado ao longo dos tempos. No seu exterior, a fonte da Senhora d'Aires refresca os peregrinos e continua a entoar preces ao alto nos murmúrios das suas águas aveludadas.



Santuário de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa

Quando um grupo de frades de Santo Agostinho calcorreava montes e vales para escolher um sítio para edificar um convento, deparou-se com a beleza dum lugar onde corriam ribeiras fartas entre generosos arvoredos. Estamos em meados do século XIII. Vila Viçosa era só um desígnio profetizado nos olhares daqueles frades devotos.

Após a batalha de Aljubarrota, na transição do século XIV para o XV, o Santo Condestável edifica a igreja da Conceição onde antes havia uma singela ermida. Dotou-a, segundo uma tradição credível, duma imagem da Imaculada Conceição, de pedra de Ançã policromada, esculpida na Inglaterra e duma Confraria que engrandecesse o seu culto e que ainda hoje persiste.

A nobreza deste lugar ganha dimensão quando Dom João IV, em 25 de Março de 1646, em plena guerra da Restauração, proclamou Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa como Padroeira do Reino de Portugal. Num gesto de devoção toda singular, corou a imagem da Virgem com a coroa real e nunca mais os reis de Portugal usariam coroa nas suas cabeças. O Santuário de Vila Viçosa passaria a ser o Solar da Padroeira e seria o palco de muitas páginas gloriosas da história lusa. O templo desenvolve-se numa estrutura composta por três naves de cinco tramos, capela-mor mais estreita, flanqueada por dois absidíolos, quatro capelas laterais, duas sacristias e torre sineira. À entrada da capela, também do lado esquerdo, uma lamparina de prata oferecida pelas mães de Portugal, é uma permanente prece à Padroeira pelos filhos da Grei lusitana.

A imagem da Padroeira, a partir do século XVIII começou a ser revestida com os preciosos mantos das Duquesas e Rainhas da dinastia de Bragança, sendo o último, o vestido de casamento da Rainha Dona Amélia. Dois anjos tocheiros ladeiam a imagem, em plano inferior, fazendo parte do conjunto original oferecido pelo Santo Condestável. A sua atitude de louvor à Virgem, evoca a devoção dos muitos peregrinos que se dirigem a este lugar para renovar a sua consagração a Nossa Senhora da Conceição. Padroeira de Portugal.





Um Legado Histórico e Cultural

A Diocese das Forças Armadas e de Segurança não deixa de cuidar, cultivar e fazer crescer um legado histórico e cultural que vai para além da missão de assistir os homens e mulheres ao serviço de Portugal. Onde estão as forças armadas e/ou as forças de segurança, aí está o Ordinariato Castrense. Assim apresentamos uma tentativa de representar todo o território nacional. **O museu da GNR em Lisboa** e o **Regimento de Guarnição** nº 1 na ilha Terceira, são dois de muitos locais a

visitar, dois locais cheios de História e histórias que decerto farão ao visitante sentir orgulho e vontade de honrar a nação.

Não é à toa que a invocação de Nossa Senhora do Carmo é tão querida na Guarda Nacional Republicana. O quartel-general da mesma está, no que um dia foi, o Convento do Carmo em Lisboa, o que ruiu em 1755 e nos deu a expressão "Nem que caia o Carmo e a Trindade".

Passa despercebido, mas ao lado da entrada para as ruínas do convento, há a entrada para o museu da GNR. Esta visita fará que se vislumbre o final da vida de quem mandou construir o convento.











Grande devoto de Nossa Senhora, D. Nuno Álvares Pereira ou São Nuno de Santa Maria, vive os últimos anos de uma vida gloriosa numa cela que pode ser visitada. Impressiona o tamanho dela. Impressiona como o maior de um país coube em tão pequeno espaço. É também marcante o restante itinerário. Lá podemos ver a missão da GNR desde a sua génese até hoje. Tomamos conta de como foi formada e as competências que a guarda foi tendo. Também vemos a evolução dos uniformes, dos equipamentos, dos meios disponibilizados em cada época. Falamos de um espólio que remonta ao final do século XIV. Em suma, visitar onde o anterior regime oficialmente terminou e de onde saem diretrizes orientadoras para até as mais remotas comunidades, faz-nos sentir a realidade de sermos um grande organismo vivo.

o lema da Região Autónima dos Açores – "Antes Morrer Livres que em Paz Sujeitos". Este lema é da autoria de Ciprião de Figueiredo, grande apoiante de D. António Prior do Crato, numa altura em que só a Terceira era Portugal livre e independente. Devido à resistência local e por conveniência comercial, é contruído no istmo da península do Monte Brasil a fortaleza de São João Batista. É um monumento aos interesses do séc. XVI. Protegia os ocupadores da nação dos locais tal como protegia as naus na baía angrense. Posteriormente esta





fortificação serviu os interesses liberais na guerra civil, e mais recentemente os nacionais ao albergar em tempos distintos, tropas alemãs e aliadas.

O Núcleo de História Militar do Museu de Angra do Heroísmo leva a cabo visitas pelos meandros da fortaleza que outrora foi cidadela. O visitante passa pelas muralhas, visita a cisterna, os baluartes, a porta principal e a ponte de acesso a esta, como também as prisões da outrora grande comunidade. A visita também contempla a imponente igreja de São João Batista e a sua cripta. Esta está despro-

vida quase na totalidade de arte sacra muito por causa de um incêndio. Ainda assim teve muitos propósitos e viu o seu auge aquando do exílio de D. Afonso VI, rei de Portugal, nesta fortaleza. Por outras palavras, visitar o RG1 é visitar um condensado da história terceirense.

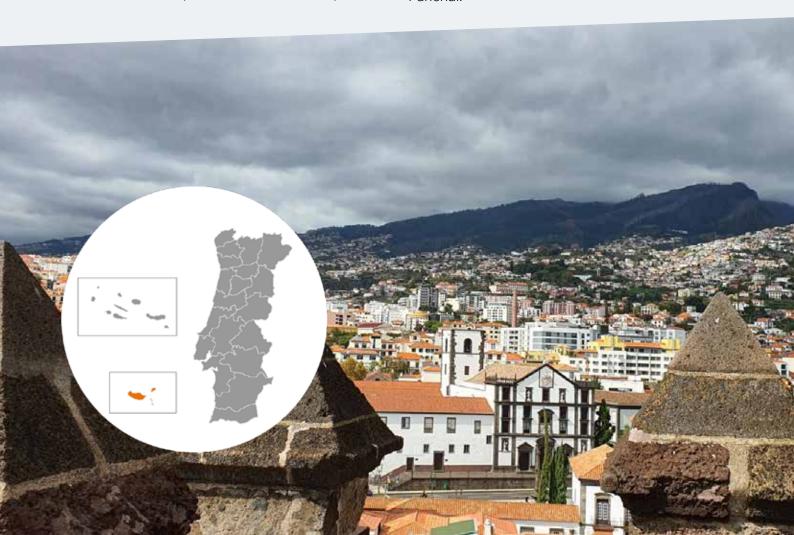
Muitos outros locais podiam ter sido aqui referidos e podem ser acrescentados na lista: a Tapada Nacional de Mafra que é também património mundial da UNESCO; o aquário Vasco da Gama em Algés – Lisboa; e o Museu do Ar em Sintra.



Visitar os tesouros da pérola do Atlântico

Entre tantos tesouros para visitar na ilha da Madeira e do Porto Santo, podemos escolher três na baixa da cidade do Funchal: a Sé do Funchal, a igreja do Colégio e o Museu de Arte Sacra da Diocese. Quem visita o centro da nossa cidade ficará sem conhecer completamente se não entrar nestes três espaços de beleza, de história, de arte sacra, de silêncio e oração. Constitui um passeio muito agradável feito todo a pé no centro da cidade, com cafés e esplanadas, lojas e restaurantes, flores e geladarias.

Quando D. Manuel, ainda duque, com apenas vinte e quatro anos, sonhou a cidade do Funchal, idealizou as estruturas que seriam necessárias para sustentar e promover o desenvolvimento da futura cidade e das suas gentes e, nesse sentido, mandou edificar não apenas uma câmara, um paço para os tabeliães, uma praça e outras estruturas, mas também uma grande igreja no "campo do duque", dizendo não apenas que queria uma futura diocese, mas que a fé era algo essencial para a contrução e para o futuro da cidade. Em 1493, o Duque D. Manuel, futuro rei de Portugal, determina a construção da Sé. A nova igreja foi benzida em 1508, ano em que a vila do Funchal é elevada à condição de cidade. Em 12 de junho de 1514, a igreja grande toma a dignidade de Catedral da nova Diocese do Funchal.





A planta da Sé liga-se a uma tradição gótica mendicante, com planta de cruz latina, com a orientação litúrgica leste-oeste. O que chama mais a atenção da parte exterior é a sua torre sineira, visível em toda a cidade do Funchal, com cinquenta e cinco metros de altura, a terminar com o belíssimo coruchéu piramidal revestido de azulejos sevilhanos. Podemos destacar no seu interior "manuelino" o sacrário de prata oferecido pelo Rei D. Manuel I, os tetos mudéjares que neste momento estão a ser restaurados numa grande obra de conservação e restauro e que serão, em breve, inaugurados e o altar-mor com o cadeiral dos cónegos e retábulo. O retábulo é constituído por cinco corpos, dispostos em três andares e rematado superiormente por um sobrecéu com francas afinidades com o do cadeiral, tendo ao centro as armas de D. Manuel, ladeadas por duas esferas armilares. O corpo central do políptico terá sido ocupado, inicialmente, por três conjuntos escultóricos, dos quais resta, in loco, somente o sacrário, no corpo inferior. O corpo intermédio está ocupado, neste início de milénio, por uma monumental imagem da N.ª Sr.ª da Assunção ou da Conceição, de uma oficina continental do séc. XVIII e o registo superior foi, entretanto, preenchido com um crucifixo, em memória do Calvário desaparecido. O conjunto das 12 pinturas a óleo, ao gosto flamengo, encontra-se dividido de acordo com as orientações iconográficas religiosas então seguidas: o primeiro registo, com cenas do Antigo Testamento e da Paixão de Cristo; o registo médio, com temática mariana, evocação do orago da Sé



do Funchal e de todas as congéneres portuguesas; e o registo superior, as representações finais da Paixão, com a Descida da Cruz e a Ressurreição. Depois da visita à Sé do Funchal, o visitante poderá percorrer a pé as ruas do centro do Funchal com calçada portuguesa para chegar ao Museu de Arte Sacra do Funchal. São apenas cinco minutos. É aqui que está parte do tesouro da Sé do Funchal e de outras igrejas da Diocese. O Museu é constituído por coleções de pintura, escultura, ourivesaria e paramentaria, cronologicamente datadas entre os séculos XV e XIX. Das coleções do Museu, destaca-se a pintura flamenga dos séculos XV e XVI, a qual chegou à Madeira no século XVI, na chamada época áurea da produção açucareira. Os painéis flamengos distinguem-se não só pela sua grande qualidade como pelas grandes dimensões, pouco comuns nos museus da Europa. É de realçar, ainda, a coleção de escultura flamenga, proveniente especialmente de Malines e de Antuérpia. No núcleo de ourivesaria, que abrange os séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, salienta-se a cruz processional de Água de



Pena, do século XV, uma bandeja e um cálice com punção de Antuérpia do século XVI, assim como uma das maiores preciosidades do Museu que é a cruz processional, oferta de D. Manuel I à Sé do Funchal.

Ao sair do Museu, poderá encontrar uma das mais belas praças da cidade do Funchal, a praça do Município ou largo do Colégio. Na praça, poderá ver o Edifício da Câmara Municipal do Funchal, o Tribunal e a belíssima fachada da igreja de São João Evangelista ou igreja do Colégio, mandada construir pelo Rei D. Sebastião para os padres Jesuítas. É uma igreja muito simples vista do exterior, mas é no interior que está toda a beleza que não deixa nenhum visitante indiferente. É mesmo impressionante toda a beleza das imagens, dos retábulos barrocos e maneiristas, os frescos, os azulejos, as entárcias e todo o teto com o lema dos padres jesuítas: "Tudo para a maior glória de Deus".

Ficam, assim, sugeridos três grandes tesouros desta pérola do Atlântico que é a ilha da Madeira. Haverá muito mais para o visitante descobrir, não apenas na história e na arte, mas também no sentir a cidade e as suas gentes, a beleza da natureza do mar à serra, do passeio pelas levadas, do folclore à culinária.

cónego Marcos Gonçalves

BIBLIOGRAFIA

Funchal 2015:

CLODE DE SOUSA, FRANCISCO ANTÓNIO, *Sé do Funchal - Guia*, DRAC;
CARITA, RUI, *A Sé do Funchal 1514-2014*, DRAC,

Site do Museu de Arte Sacra do Funchal.



Santuário <u>de Nossa Senhora do Desterro</u>

Segundo a tradição o aparecimento, em diferentes locais, das imagens da Virgem, de São José e do Menino Jesus, deram origem à construção do Santuário de Nossa Senhora do Desterro formado por dez capelas edificadas entre o século XVII e XIX. Este santuário, considerado o mais célebre das terras beirãs, ergue-se a cerca de 80 metros de altitude, num local aprazível e de particular beleza natural.

A Capela de Nossa Senhora do Desterro edificada no século XVII foi totalmente reconstruída e ampliada entre o final do século XVIII e início do século XIX. O exterior do edifício é animado por vários elementos de cantaria e o interior da capela é dinamizado pela presença de mobiliário litúrgico, que permite centrar nela as principais festividades, com o recurso à teia comungatória, ao púlpito e ao coro-alto. Os retábulos laterais são tardo-barrocos. A Capela de Nossa Senhora dos Prazeres ou dos Doutores é a mais peculiar das edificações. No que se refere à temática encontramos eco nas palavras de Lucas: "[o]s pais de Jesus iam todos os anos a Jerusalém, pela festa da Páscoa. Quando Ele chegou aos doze anos, subiram até lá, segundo o costume da festa. Terminados esses dias, regressaram a casa e o Menino ficou em Jerusalém, sem



que os pais o soubessem. Pensando que ele se encontrava na caravana, fizeram um dia de viagem e começaram a procura-Lo entre os parentes e conhecidos. Não o tendo encontrado, voltaram a Jerusalém, à sua procura. Três dias depois, encontraram-no no templo, sentado entre os doutores, a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas. Todos os quantos ouviam, estavam estupefactos com a sua inteligência e as suas respostas. Ao vê-lo, ficaram assombrados e sua mãe disse-lhe: "Filho porque nos fizeste isto? Olha que teu pai e eu andávamos aflitos à Tua procura!". (Lc 2,41-48). O episódio encontra-se materializado num conjunto de esculturas de dimensões avultadas.

Na Capela da Anunciação encontra-se representado o episódio em que o anjo Gabriel é enviado por Deus, à cidade de Nazaré, com o objetivo de informar a Virgem que irá dar à luz um Filho. Na

Capela da Apresentação narra-se o episódio da Apresentação do Menino Jesus no Templo. Na Capela de Jesus no Horto ou Capela da Agonia narra-se, segundo o Evangelho de Lucas, a Oração de Jesus no Monte das Oliveiras onde: "[...] vindo do céu, aparece-lhe um anjo que O confortava. Cheio de angústia, pôs-se a orar mais intensamente, e o suor tornou-se-lhe como grossas gotas de sangue, que caíram na terra" (Lc 22,43). Na Capela do encontro representa-se a IV Estação da Via-Sacra - Jesus encontra Sua Mãe. Na Capela do Calvário está representada a XI Estação da Via-Sacra - Jesus é cravado na Cruz. Na Capela de Nossa Senhora da Piedade encontra-se representada a XIII Estação da Via-Sacra – Jesus é retirado da cruz. Do santuário fazem ainda parte a Capela de Nossa Senhora das Dores e a Capela de Nossa Senhora da Boa Viagem.



Igreja de São Vicente

Documentada desde o século XIII a Igreja de São Vicente nada preserva do templo medieval. O edifício é uma reconstrução do final do século XVIII, sob o mecenato do prelado episcopal, D. Jerónimo Rogado do Carvalhal e Silva. No exterior do templo destaca-se o portal sobre o qual se encontra colocada a pedra de armas do responsável pela reedificação. No interior da igreja, à tonalidade aurifulgente da talha, executada no século XVIII, contrapõe-se a sobriedade cromática da série de painéis de azulejos figurados setecentistas, onde se expõem cenas da Paixão de Cristo, na capela-mor, e cenas da vida de Nossa Senhora no corpo da igreja. Estes painéis azulejares são atribuídos a Salvador de Sousa Carvalho (ca. 1727-1810), artista nascido em Lisboa, uma figura marcante na produção azulejar coimbrã da segunda metade de setecentos. Os painéis, na sua dimensão maior, ao centro, atingem os 26 azulejos de altura e são envolvidos por uma densa e exuberante decoração, animados por concheados volumosos e sinuosos rococós, com pintura em tons de azul mais carregado na cercadura e mais ténue ao centro, avivados, no enquadramento, com marmoreados amarelos e manganês, aparecendo, na parte superior a compor todo o conjunto, "coroamento de flores e folhagens verdes de cobre"1. Na parte inferior, uma cartela, tipicamente rococó, centra toda a composição.

Capela-mor

Os painéis desenrolam-se segundo uma sequência lógica.

- Flagelação
- Símbolos da Paixão no lado do Evangelho e da Epístola
- · Coroação de espinhos
- Pilatos e Cristo Ecce Homo
- · Queda de Jesus no caminho do Calvário
- Porta em Tromp l'oeil

Corpo da igreja

No corpo da igreja, os painéis são idênticos aos da capela-mor, atingindo em altura 26 azulejos com o mesmo tamanho.

Repetem, nos enquadramentos que envolvem as partes decorativas, os mesmos elementos concheados de contorno irregular. A parte figurativa é de temática mariana e podemos observar:

- · Nossa Senhora apresentada no Templo
- Casamento de Nossa Senhora
- Anunciação
- · Visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel

¹SIMÕES, J. M. dos Santos, Azulejaria em Portugal no século XVIII. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979, p. 78.



- · Nascimento de Jesus
- · Adoração dos Magos
- Fuga para o Egipto
- No Batistério: O batismo de Jesus, São Francisco e São Jerónimo

Capela do Batistério

O batistério da Igreja de São Vicente surge como um edifício independente, de planta centralizada e com a pia batismal em pedra elevada sobre uma coluna. O batistério também tem cerca de 390 azulejos do mesmo tipo, com a representação do Batismo de Cristo. No batistério, ainda, e interrompendo o painel de azulejos do lado esquerdo, onde se vê representado São Jerónimo, um dos patronos do bispo construtor, lê-se a seguinte legenda, coeva da edificação:

"IN HOC BAPTISTERIO NOMEN ACCEPIT HIERONYMUS EPISCOPUS EGITANIENSIS CUJUS OPE ECCLESIA ISTA AFUNDAMENTIS REEDIEICATA FUIT ANNO MDCCLXXXX"

NESTE BATISTÉRIO RECEBEU O NOME JERÓNIMO BISPO DA GUARDA, A CUJAS ESPENSAS ESTA IGREJA FOI REEDIFICADA DESDE OS FUNDAMENTOS NO ANO DE 1790

Igreja de São Vicente

Localização: Guarda, Rua Francisco dos Passos Tutela: Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de São Vicente

Igreja Matriz de Vinhó

O Convento da Madre Deus foi mandado edificar em 1567 pelo cavaleiro Francisco de Sousa e sua mulher, Dona Antónia, para recolhimento de Freiras Clarissas. Do primitivo templo subsiste a igreja de nave única e o portal lateral que era o primitivo acesso à entrada principal da igreja, utilizado pelas clarissas, e sobre o qual foi colocado a pedra de armas dos fundadores. No interior, assistimos à integridade entre a talha e a pintura de caixotão, sendo a abóbada da nave o prolongamento dos retábulos de Estilo Joanino e a abóbada da capela-mor o prolongamento do retábulo de Estilo Nacional. O retábulo do Evangelho recebe uma pintura do século XVI (?). O arco triunfal é totalmente revestido a talha, tendo no fecho as insígnias da Ordem Franciscana: dois braços estigmatizados o da dextra sobreposto e nu, o da sinistra sotoposto e vestido de "burel". Aquelas armas têm origem na bênção dada por São Francisco na hora da sua morte aos frades que haviam aderido ao seu modo de vida; naquele momento o Santo cruzou os braços e estendeu por cima deles a cruz assim formada, benzendo-os a todos, presentes e ausentes, em poder e nome de Cristo. "O braço nu alude pois a Cristo, em cujo nome se realizou a bênção por intermédio de Francisco, e encontra-se sobreposto para assinalar a Sua primazia.

O braço vestido de burel identifica o santo fundador da Ordem, uma vez que este tecido havia sido escolhido para a composição do respetivo hábito em sinal de despojamento, de humildade e de sacrifício, pois tratava-se do tecido mais rude, mais barato e menos confortável. Ambos os braços apresentam mãos com chagas: a de Cristo alude naturalmente à crucificação; a de Francisco aos estigmas."1. Os caixotões executados no final do século XVII foram pintados com narrativa hagiográfica e bíblica. No interior da igreja encontramos, ainda, a Capela do Menino Jesus da Tia Baptista "[...] FEITA DAS ESMOLAS DOS DEVOTOS E DA DIVISA O MENINO JEZUS DA TIA BAPTISTA DO CEU NO ANNO DE 1773." Esta capela é decorada com retábulo de talha e painéis azulejares setecentistas, onde se expõem cenas da vida de Nossa Senhora e do seu Filho - a Anunciação, o Nascimento de Jesus, a Adoração dos Reis Magos e a Circuncisão, referida no Evangelho de Lucas (Lc 2, 21).

Localização: Gouveia, Vinhó, Adro do Convento. Tutela: Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Vinhó.

¹ http://www.academia.edu/7840267/Her%C3%A1ldi-ca_franciscana [consultado a 7 julho 2021].

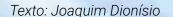


Hoje como ontem ao serviço da Fé

Os santuários são lugares ao serviço da fé, onde ecoa e se oferece o Evangelho de Cristo. Testemunhas de uma tradição de oração, de conversão, de cura da alma e também do corpo, bem como do reconhecimento de graças recebidas. Ali, onde o peregrino se junta à procissão de quantos o precederam e se integra no processo solidário de um povo crente e grato, aberto e disponível aos apelos do Senhor da história. Apesar das diferentes origens e especificidades, da história que encerram e das circunstâncias do seu desenvolvimento, cada santuário testemunha a maneira como Deus vem até nós e se integra na vida de um povo. O tempo que aí vivemos transforma-se numa paragem consagrada. Podemos chegar como visitantes ou como peregrinos, sozinhos, em grupo ou em

família, movidos pela curiosidade cultural, por um impulso espiritual ou atraídos pela história. Para todos, os santuários surgem como ocasião de pausa e de repouso interior que favorecem o acesso à fonte da vida que sacia e renova (*Diretório sobre a piedade popular e a Liturgia*, n.º 263).

A exemplo do que acontece noutras Igrejas locais, também a diocese de Lamego olha com atenção para os seus santuários, "memória, presença e profecia do Deus connosco" (*O Santuário*, Cons. Pont. Pastoral dos Migrantes e Itinerantes). Na impossibilidade de referir todos, aqui se deixam algumas palavras sobre três destes espaços eclesiais: Nossa Senhora da Lapa (Sernancelhe), Nossa Senhora dos Remédios (Lamego) e Santa Eufémia (Penedono).





Santuário de Nossa Senhora da Lapa

Situado na freguesia de Quintela, concelho de Sernancelhe, diz a lenda que uma pastorinha, Joana, muda de nascença, encontrou uma imagem da Virgem escondida na fenda de um grande penedo, em 1498, que ali teria sido colocada por umas religiosas que fugiam das tropas de Almançor, nos finais do século X. A devoção e o carinho da menina pela imagem, que a mãe queria destruir, valeram-lhe o dom da fala.

A notícia do milagre rapidamente se espalhou e motivou a afluência de devotos, fazendo do lugar um destino de peregrinações e de celebração da fé. Em 1576, a Lapa foi confiada aos Padres da Companhia de Jesus e foram eles que contribuíram decididamente para o actual Santuário da Lapa, construindo a igreja e um edifico contíguo, o "Colégio", bem como para a expansão do culto à Senhora da Lapa por terras onde a missão dos Jesuítas decorria. Aqui ficaram até à sua expulsão, em 1759. A devoção à Senhora da Lapa sempre motivou peregrinações e são muitas as marcas existentes nos caminhos que ainda hoje se percorrem. Anualmente concretizam-se três grandes peregrinações: no dia 10 de junho, no dia 15 de agosto e no terceiro domingo de Setembro, sendo que as duas primeiras são antecedidas de uma novena preparatória.





Nossa Senhora dos Remédios

A cidade de Lamego viu nascer e crescer este belo santuário, sem dúvida o mais conhecido da nossa diocese e aquele que, certamente, mais visitantes acolhe. E se tal acontece ao longo do ano, muito mais visível se torna por alturas das festas da cidade, nos últimos dias de agosto e primeiros de setembro. De acordo com a informação disponibilizada, este santuário começou a ser construído em 1750, para ser terminado em 1905, ocupando o monte onde existiu, desde o século XIV, uma capela dedicada a Santo Estêvão. No século XVI, esta capela ameaçava ruína e foi mandada construir uma nova igreja,

pelo bispo da cidade, onde foi colocada também a imagem da Virgem com o Menino ao colo. Com o tempo, a devoção a Santo Estêvão foi decaindo e cresceu a dedicação à Virgem, destinatária das preces de quem padecia de males e necessitava de ajuda, venerada e invocada como a Senhora dos Remédios.

A grande festa anual acontece no dia 8 de Setembro, antecedida de uma novena que os devotos cumprem às primeiras horas do dia e para a qual se dirigem ainda noite.

A par do templo que se avista ao longe, merece também destaque a escadaria de acesso ao santuário, com 686 degraus, com vários patamares e muitos pormenores a que vale a pena atender e um agradável parque circundante onde a natureza se oferece reconfortante e convidativa para nos aproximarmos da Mãe.

Santa Eufémia

Por terras de Penedono, do célebre "Magriço", ligando as zonas do Douro e da Serra, num vasto e aprazível espaço, encontramos o santuário dedicado à virgem e mártir Sta. Eufémia.

A capela actual foi construída nos inícios do século XIX, mas já em 1758 o pároco referia a existência do culto local à imagem de Sta. Eufémia, "uma das maiores devoções que há nestas vizinhanças, por quanto em todo o circuito do ano há muita concorrência de romagem de freguesias muito distantes e remotas, aonde todo o género de males por virtude da mesma Santa se extinguem".

A sua festa, que congrega muitos fiéis da região,

realiza-se em Setembro, dia 16, antecedida de uma novena.

Resta convidar os nossos leitores a peregrinarem até estes espaços, a descobrirem estas e outras realidades que nos esperam e, sobretudo, a experienciarem a proximidade com o Senhor.

A propósito dos santuários, podemos descrever.

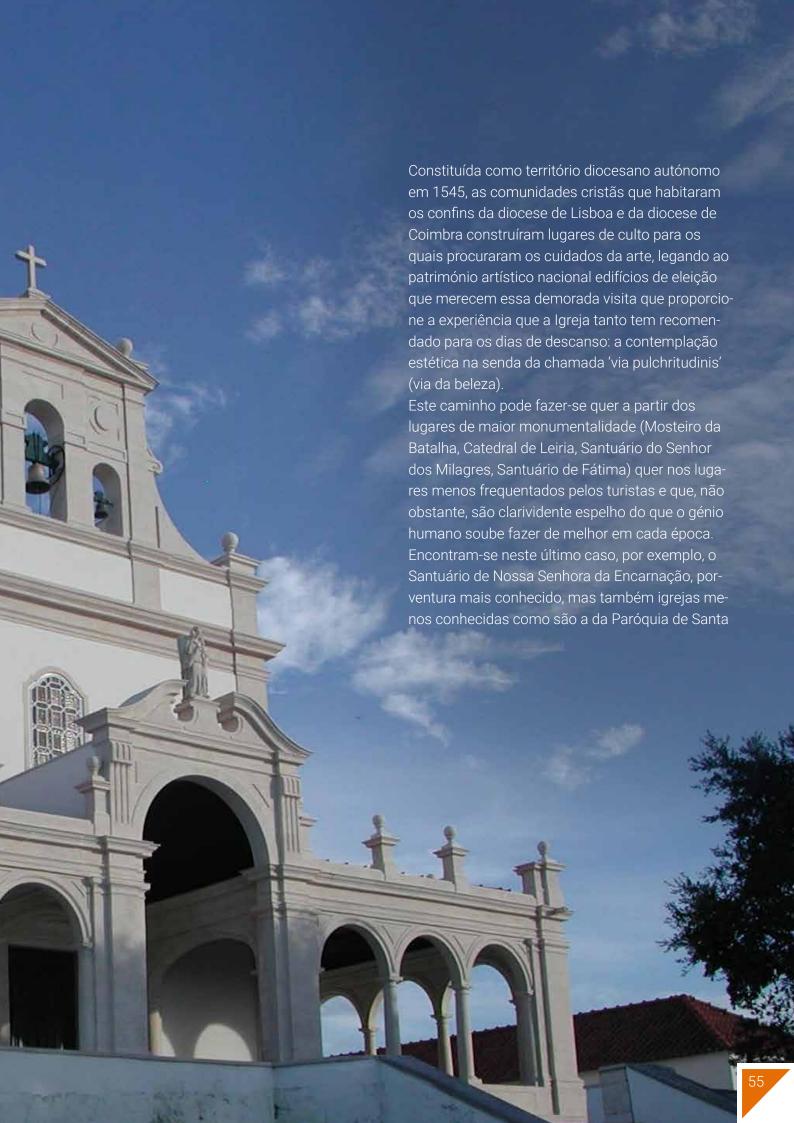
A propósito dos santuários, podemos descrever o que os olhos veem ou o que o coração sente, registar preces e graças recebidas, os grupos e as pessoas que passam, mas nunca poderemos registar as experiências espirituais dos que ali chegaram, as mudanças operadas nas vidas de quem dali partiu ou os frutos das sementes ali lançadas. Porque há registos e histórias que só Deus conhece.



LEIRIA FÁTIMA

Leiria-Fátima: beleza e arte além do santuário da Cova da Iria





Eufémia ou a Igreja não paroquial da Golpilheira, exemplos de arquitetura contemporânea que se mostram igualmente denunciadores dessa atitude de busca do belo, de acordo com os cânones de cada época.

Construído a partir de um milagre atribuído à Virgem Maria sob o título de Nossa Senhora da Encarnação, a igreja do santuário leiriense coroa um promontório, o que veio a ficar ainda mais assinalado pelo escadório construído no século XVIII, configurando a ambiência de sacromonte tão típica dos santuários da Idade Moderna. Passada a galilé que se mostra bem típica dos lugares de peregrinação, a igreja mostra no seu interior várias peças que merecem detença: a azulejaria de padrão do século XVII, as pinturas do ciclo da vida da Virgem, a alegoria pictórica à Imaculada Conceição, no arco triunfal, a retabulária do século XIX e a imagem de Nossa Senhora da Encarnação, uma das mais belas peças da escultura devocional neoclássica que o património nacional conhece. Entre os bons exemplares de arquitetura do século XX na Diocese de Leiria-Fátima, encontra-se a Igreja de Santa Eufémia, construção datada de 1968 e assinada por João Mota Lima. Exemplo acabado do que são as preocupações do II Concílio do Vaticano e, bem assim, da teoria que na época os arquitetos tomavam sobre a materialidade dos

edifícios, a igreja apresenta-se na honestidade dos materiais (tijoleiras, cimentos, madeiras) e reveladora dos primeiros ensaios relativos a uma nova espacialidade no que respeita à arte de celebrar. Mostra também este templo o cuidado em agregar ao projeto a excelência do traço escultórico (na fachada da igreja e no batistério) e pictórico (na tapeçaria da Última Ceia do presbitério) de Joaquim Correia.

Espaço transfigurado pelos cuidados da arte é ainda a Igreja de Nossa Senhora de Fátima, da comunidade cristã da Golpilheira (Paróquia da Batalha). Sendo uma igreja dos finais da década de 50, incaracterística do ponto de vista artístico, viu o seu espaço interior profundamente remodelado através do projeto de Humberto Dias e Pedro Gândara. Os vãos do templo beneficiaram de um am-



Foto: João Alves da Cunha



Foto: Diocese de Leiria-Fátima

plo programa iconográfico em torno do orago da igreja — Nossa Senhora de Fátima — e da relação da mensagem de Fátima com o Calvário de Cristo, o que resultou na transfiguração do espaço através dos vitrais assinados por Sílvia Patrício (execução do Atelier Vitrais Portugal), entre 2020 e 2021.

Estes planos de luz e de cor merecem uma viagem ao pequeno lugar da Golpilheira, porquanto farão com que o viajante se eleve nessa trajetória rumo à beleza sempre antiga e sempre nova, no dizer de Santo Agostinho, um dos padroeiros da diocese de Leiria-Fátima.













"Redescobrir lugares ou histórias que se encontram escondidas"



A pandemia "não nos pode paralisar ou privar-nos de uma visão positiva para o futuro", é uma das principais frases que se pode ler na mensagem para o 41° Dia Mundial do Turismo. Com uma drástica diminuição da mobilidade, o turismo, um dos segmentos da sociedade mais afetados, não pode ficar paralisado e temos que aproveitar esta crise pandémica, como nos recorda o Papa Francisco, para descobrir ou até mesmo redescobrir lugares ou histórias que se encontram escondidas ou menos conhecidas. É com este convite que neste momento trabalhamos através do projeto **QUO VA-DIS LISBOA** (www.quovadislisboa.com) na conso-

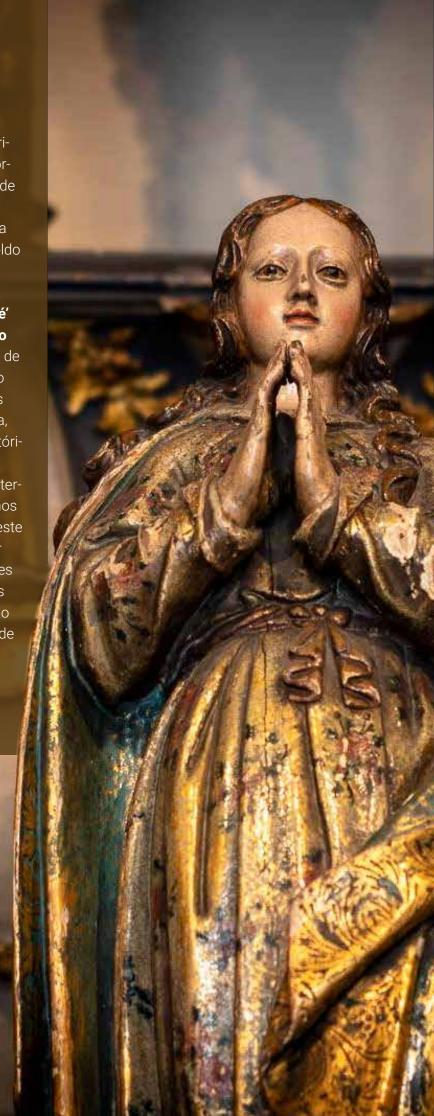


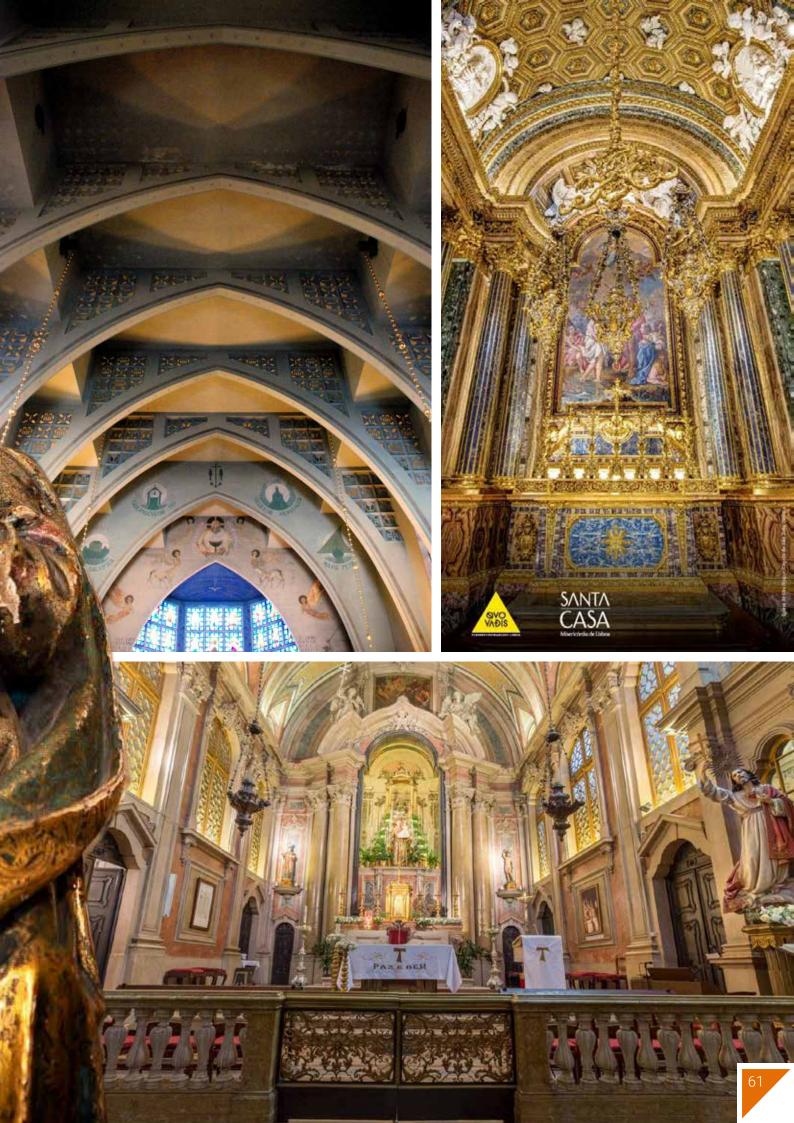
de outubro de 1938, 21 anos após a última aparição da Virgem na Cova da Iria, apreciar a extraordinária conjugação entre a arte e a espiritualidade cristã através dos vitrais de Almada Negreiros; dos frescos do arco triunfal de Lino António e da imagem de Nossa Senhora de Fátima de Leopoldo de Almeida.

Em parceria Departamento de Cultura da SCML realizamos todos os meses os **'Itinerários da Fé' nos seu Percursos na Mouraria, Baixa e Chiado** que se realizam às 10h00 no 1°, 3° e 4° sábado de cada mês, respetivamente. Os participantes são convidados a fazer um percurso pedestre, pelos principais bairros históricos da cidade de Lisboa, tendo em conta a dimensão arquitetónica e histórica no seu diálogo com a Fé cristã.

Neste momento, o turismo pode e deve "converter-se num instrumento de proximidade" recorda-nos o Papa Francisco, por isso, temos aproveitado este momento que nos encontramos, para potenciar uma interação positiva com as várias instituições da cidade Lisboa e paróquias, para que todas as nossas propostas culturais sejam valorizadas no cuidado pelo acolhimento e acompanhamento de todos.

Departamento de **Turismo do Patriarcado de Lisboa**





PORTALEGRE-CASTELO BRANCO

Santuário de Nossa Senhora de Mércoles

A Ermida de Nossa Senhora de Mércoles é um pequeno santuário que dista cerca de três quilómetros da cidade de Castelo Branco. Em ambiente rural, num local onde abundam oliveiras e azinheiras, foi construído o pequeno templo, que ao longo dos tempos sofreu algumas alterações.

Traz-nos a tradição que terá sido construído sobre um templo pagão possivelmente dedicado a Mercúrio. Em toda a zona circundante têm sido encontrados vestígios arqueológicos da época romana. Atribui-se aos cavaleiros da Ordem do Templo a sua fundação no século XII. O local teria sido pre-



ferido, pela descoberta de uma imagem de Santa Maria que aparecera numa azinheira.

Os elementos góticos da ermida fazem parte de uma campanha de obras de finais do século XIV e que terá substituído a primitiva construção românica. É da época medieval que resultará a construção da capela-mor, com elementos tardo-góticos; o portal principal em ogiva que revela capitéis decorados com motivos vegetalistas, e também as portas laterais e o arco triunfal mostram perfis em

flecha que remetem para este período de reconstrução da igreja.

O programa decorativo da ermida, sobretudo as pinturas murais, são quinhentistas, nos inícios do século seguinte, a igreja é enriquecida com revestimento azulejar e três retábulos em talha dourada. No lado esquerdo da capela a enquadrar o adro, existe um edifício que corresponderia às antigas casas dos romeiros.



Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Arronches

A Igreja Matriz de Arronches, dedicada a Nossa Senhora da Assunção, situa-se no centro da Vila de Arronches, no local de maior nobreza.

Este belo templo foi construído sobre uma igreja do século XIII pertencente ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, tendo lançado a sua primeira pedra a vontade de D. Teotónio, prior do Mosteiro. A construção da atual igreja, iniciada no período do gótico final e ao gosto manuelino, situa-se entre os finais do século XV e os inícios do XVI. As alterações, sofridas posteriormente revelam-se unicamente na sua decoração interior.

A fachada, num plano mais elevado, impõe-se pela grandeza e beleza da sua arquitetura, a que se acede por uma escadaria.

A entrada evidencia o portal renascentista, talhado em mármore pelo escultor Nicolau Chanterene. Este desenvolve-se em arco pleno com duas pilastras que suportam um entablamento reto, encimado por um frontão triangular e coroado com um pináculo. O mesmo apresenta dois medalhões, de

grande beleza, contendo bustos esculpidos de uma mulher e um homem. O arco é ainda, decorado por oito caras de anjos aladas.

As fachadas laterais ostentam dois portais manuelinos, um deles também com decoração.

O interior da igreja desenvolve-se em três naves, constituindo um belo e significativo exemplar das igrejas-salão portuguesas. A amplitude do espaço é transmitida pela cobertura de abóbadas ogivais nervurada e sustentadas por colunas com o fuste em mármore róseo. As abóbadas são decoradas com variados motivos manuelinos - armas reais, Cruz de Cristo, esferas armilares, cordas, nós de marinheiro...

Na capela-mor, impõe-se um retábulo do século XVIII, executado em mármores de Estremoz e uma imagem barroca da padroeira, Nossa Senhora da Assunção.

Evidenciam-se também azulejos dos séculos XVI e XVII e um lavabo do século XVIII, com dois golfinhos e um nicho quinhentista com um anjo.



Igreja Matriz de São Vicente de Abrantes

A igreja matriz de São Vicente destaca-se pela sua implantação numa plataforma elevada na zona norte da cidade de Abrantes.

A primitiva igreja foi fundada em 1149, após D. Afonso Henriques ter tomado o castelo da Vila, tendo sido dedicada ao mártir São Vicente. Em 1179, o exército mouro arrasou a vila e a igreja seria reconstruída posteriormente.

No século XVI, D. Sebastião ordenou a sua reedificação. A obra da nova igreja teve início em 1569, estando a mesma a cargo dos oficiais dos estaleiros do Convento de Cristo de Tomar, que também edificaram as capelas laterais.

A igreja é de planta retangular, de três naves com capelas laterais e <u>capela-mor na cabeceira.</u>

A fachada tem um portal maneirista em arco pleno, com uma formulação de gosto classicista. Encimando o portal, tem ao centro um óculo que foi reduzido e permite a entrada de luz natural. Evidenciam-se os painéis de azulejo seiscentistas azuis e amarelos, que revestem o interior com temáticas referidas ao seu padroeiro, São Vicente. Na capela-mor, ao centro, lugar de convergência de todo o espaço, podemos ver um retábulo de talha com tribuna.

A igreja de São Vicente de Abrantes guarda também um conjunto significativo de património móvel artístico, deslocado dos vários conventos que houvera na Vila e que foram extintos.







Centro e Rota Vicentina, a Rota do Românico quer trabalhar uma literacia para a sustentabilidade, assente em toda a ideia de colaboração, quer internamente através das redes de turismo de Portugal, quer através do apoio dos turistas.

Abastecer-se com produtos locais, deixar menos lixo do que encontrou, respeitar os ritmos de vida locais, investir o valor justo pela qualidade, procurar informações sobre a região e as suas particularidades e não sobrecarregar locais sensíveis são alguns dos conselhos a guardar.

Durante o mês de agosto, estas redes de pessoas e territórios irão mostrar – através das redes sociais – que o futuro do turismo está na preservação da natureza e da cultura local. Afinal, sem natureza não há Turismo de Natureza, e são as pessoas (que recebem e visitam) que a podem preservar.

Em todo o país, são muitas as redes que agregam agentes turísticos – e, em vários casos, entidades públicas e comunidades locais – que desenvolvem

ações de levantamento, estruturação de produto e promoção do território. Mas, as realidades são mesmo muito distintas e cada rede trabalha o conjunto de desafios que melhor servem as necessidades do respetivo território, estrategicamente e em cada momento. É esta a grande mais-valia destas redes, serem estruturas mais orgânicas e próximas dos lugares e das pessoas, mais ligadas ao que realmente importa.

A Rota do Românico reúne, atualmente, 58 monumentos e dois centros de interpretação, distribuídos por 12 municípios dos vales do Sousa, Douro e Tâmega (Amarante, Baião, Castelo de Paiva, Celorico de Basto, Cinfães, Felgueiras, Lousada, Marco de Canaveses, Paços de Ferreira, Paredes, Penafiel e Resende), no Norte de Portugal.

As principais áreas de intervenção da Rota do Românico abrangem a investigação científica, a conservação do património, a dinamização cultural, a educação patrimonial e a promoção turística.





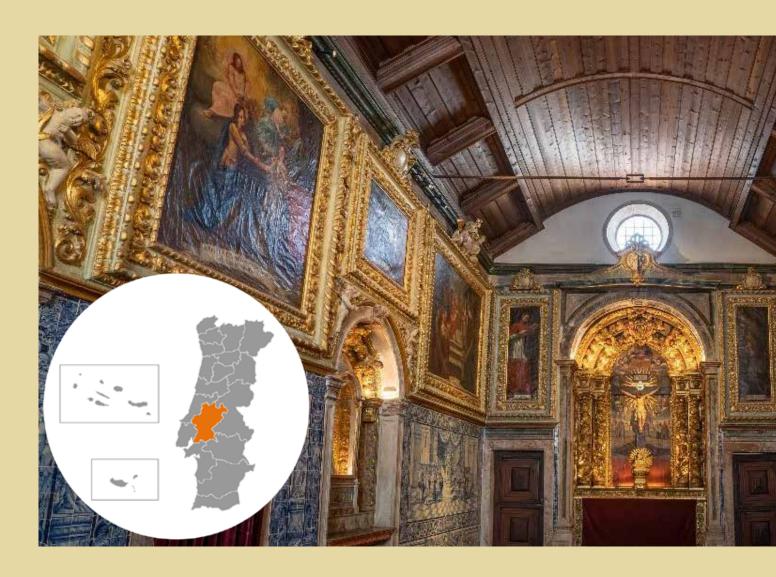
"Capela dourada" de Santarém

A Capela dos Terceiros de São Francisco, vulgarmente designada por Capela Dourada, é um pequeno edifício anexo à Igreja do Convento de Nossa Senhora de Jesus do Sítio (Monumento Nacional), sede da Venerável Ordem Terceira de Franciscanos Seculares, fundada em 1666.

Fruto de consideráveis esmolas por estes concedidas pelos irmãos, o interior desta capela reuniu um notável programa decorativo, composto por azulejos, pinturas sobre tela, talha e escultura dourada e policromada, tornando-se o único sobrevivente e mais emblemático exemplo de "obra de arte total"

em Santarém.

Para além da composição artística do interior, que contrasta com a simplicidade arquitetónica do exterior, o conjunto de obras de arte em presença funciona como uma perfeita catequese franciscana, que se constrói a partir de duas linhas de apresentação. No primeiro nível, um belíssimo silhar de azulejos (1717), onde se observam momentos da vida de São Francisco de Assis. No nível superior encontra-se um ciclo pictórico constituído por catorze pinturas sobre tela do final do século XVII emolduradas por largas estruturas de madeira en-







talhada, dourada e policromada. Aqui se apresenta o incontornável testemunho de vários Terceiros Franciscanos.

Observam-se ainda 3 retábulos em talha *Estilo Nacional*, destacando-se no principal uma escultura de Cristo crucificado enquadrada por painel representando a cidade de Jerusalém.

Em 2020 e 2021, a Capela Dourada pode receber uma significativa campanha de conservação e restauro - promovida pela Santa Casa da Misericórdia de Santarém e financiada pelo Fundo Rainha D. Leonor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa em parceira com a União das Misericórdias Portuguesas-, a qual permitiu devolver, ao conjunto patrimonial, a dignidade e fruição que há muito reclamava.

A Capela está acessível através da visita à Igreja de Jesus Cristo.

Falcoaria real de Salvaterra de Magos

A história da Real Falcoaria de Salvaterra está intimamente associada à história do Paço Real – Casa de Campo da Coroa – que, com o passar do tempo, transformou a nobre vila ribatejana num importante centro da vida social e artística da corte portuguesa. O período de maior ascensão da Falcoaria (considerada a mais nobre das artes cinegéticas) dá-se em 1752 com a chegada de uma dezena de falcoeiros holandeses de Valkenswaard, para ensinar esta arte.

A Falcoaria Real de Salvaterra de Magos data do século XVIII. O edifício, que contou com orientações do arquiteto Carlos Mardel, apresenta influências das falcoarias holandesas de Setecentos, constituindo um exemplar único na Península Ibérica.

Atualmente, o visitante pode inteirar-se um pouco mais sobre o quotidiano destas aves em cativeiro, onde se reúnem as condições ideais para o seu



bem-estar, respeitando o seu lado selvagem. A Falcoaria possui várias peças multimédia que permitem, através da interatividade dos visitantes, a exploração de novos conteúdos. Possibilita o visionamento de filmes sobre a biologia das aves, explorar galerias de pinturas e fotografias, jogos virtuais onde o visitante assume o papel de falcão que procura as aves de presas.

Durante a visita tem ainda a possibilidade de descobrir o mundo da Falcoaria desde o Neolítico até aos nossos dias, os motivos que conduziram ao aparecimento desta arte, bem como, a sua importância na Vila de Salvaterra de Magos.

É possível observar o treino das aves e assistir à demonstração de voo em liberdade, onde as protagonistas mostram toda a sua perícia, na tentativa de capturar a "Falsa Presa" lançada pelos falcoeiros, responsáveis pela sua aprendizagem - adestramento.



Salinas de Rio Maior

(texto retirado do site www.turismoriomaior.pt)
As Salinas encaixam-se num vale tifónico no sopé
da Serra dos Candeeiros que, dada a sua natureza
calcária, é possuidor de inúmeras falhas na rocha o
que faz com que as águas da chuva não fiquem à
superfície, formando cursos de água subterrâneos.
Uma dessas correntes atravessa uma extensa e
profunda jazida de sal-gema que alimenta o poço
que se encontra no centro das Salinas, e de onde
se extrai água sete vezes mais salgada que a do
mar.

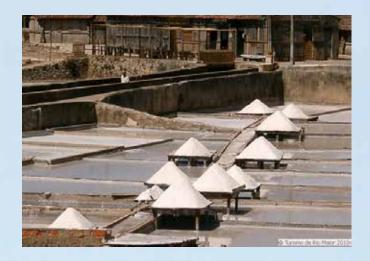
Rodeadas de arvoredo e terras de cultivo são consideradas uma maravilha da natureza, uma vez que o mar fica a 30 km.

O conjunto apresenta-se como uma minúscula aldeia de ruas de pedra e casas de madeira, junto à qual se destacam uns curiosos tanques de formas e dimensões irregulares, que a partir da Primavera se enchem de água salgada dando origem a alvas pirâmides de sal.

Classificadas como Imóvel de Interesse Público desde Dezembro de 1997, estas são as únicas Salinas interiores existentes em Portugal, e as únicas que se encontram em pleno funcionamento na Europa. A primeira referência à sua existência data de 1177, mas pensa-se que o aproveitamento do sal-gema já seria feito desde a Pré-história.

Constituem assim um museu vivo onde os métodos de exploração pouco evoluíram ao longo dos seus 8 séculos de história, o que confere ao local a singularidade que o caracteriza.

Aqui se produz Sal puramente biológico, e a sua elevada qualidade deve-se à referida ausência de quaisquer aditivos ou tratamentos químicos.





SETÚBAL

Igreja de Santo Isidro - Pegões (Montijo)

Na Herdade que fora de Rovisco Pais, em 1937/38 nasce o projecto de colonização interna de Pegões Velhos

Da autoria do arquitecto Eugénio Correia, são o núcleo arquitectónico principal formado pelas habitações rurais e igreja.

Este conjunto insere-se assim, na lógica da arquitectura moderna preconizada pelo Estado Novo, com tendências geometrizante e uso de betão. Há também aqui o uso de novos materiais e experiências construtivas, com vista a alcançar-se edifícios funcionais e monumentais.

Naquela que é considerada a melhor experiência de colónia agrícola, insere-se esta igreja, onde subsiste a linguagem da arquitectura gótica expressa no movimento modernista que a cria. Com torre sineira abrigo de cegonhas, a cobertura verga-se até ao chão envolvendo todo o edifício como de uma capa se tratasse cobrindo a estrutura.

A igreja é de uma única nave de modestas dimensões, com abóboda. A capela baptismal à esquerda, o coro alto e a abside, são os poucos elementos deste templo. Todo o presbitério é dominado pela "pintura a fresco" da autoria de Portela Júnior, datada de 1953, alusiva ao milagre de Santo Isidro. A sacristia, como como salas anexas, seguem a estrutura e molde da própria igreja.







A Igreja de São Pedro e a Igreja de Santa Maria do Castelo têm tido um papel primordial na génese da Vila de Palmela, sede da Ordem de Santiago entre os séculos XII e XIX (1834), data da extinção das Ordens Religiosas em Portugal.

Edifício já mencionado em documento de 1412, a actual igreja de São Pedro em Palmela sofreu grandemente com diversas ocorrências ao longo dos séculos.

Em 1713 um grande incêndio provoca grandes estragos, dando origem a uma campanha decorativa ainda hoje bem presente. As paredes são forradas quase na totalidade a azulejo, destacando-se os painéis seriados de padrão de "tapete" do séc. XVIII, com albardas e figuras de gosto joanino na sacristia e os painéis historiados com a vida de São Pedro no corpo da igreja, com molduras que ajudam a criar a fantasia própria do barroco, na qual se quer envolver os fiéis que rezam. Apesar de não identificado o seu autor, estima-se que esteja entre os anos 1730 e 1740.

O terramoto de 1755 teve grande impacto em Palmela, sendo a Igreja de Santa Maria do Castelo datada de grande ruína, irreparável até aos nossos dias, e a Igreja de São Pedro, de danos, sobretudo na zona da capela-mor, procedendo-se a novas remodelações, dando origem às grandes telas, hoje aí presentes. Por esta razão aquilo que hoje contemplamos é uma construção edificada pós-terramoto, em planta basilical clássica, com fachada axial ladeada por duas torres sineiras simétricas, coroadas por cúpulas bulbosas.

No seu interior predomina o barroco-rococó e o neoclássico, ainda que se note a traça maneirista subjacente. As três naves, individualizadas por colunas são cobertas por um formoso tecto de madeira pintado em *trompe-l'oeil*, com a intenção de eliminar as fronteiras e sugerir o infinito para a qual a igreja peregrina que o contempla se encaminha. Nos altares barrocos predomina a estrutura e decoração neoclássica, com a presença de elementos como como a asa de morcego, elementos vegetalistas e concheados soltos, com elementos justapostos à estrutura; talha onde se assiste à absorção de elementos neoclássicos, imitação da policromia e a textura dos mármores acentuadamente rococó.

Destacam-se algumas esculturas de grande importância, como São Tiago Maior, provavelmente da génese da Igreja, São Jerónimo, escultura de um Santo não identificado, em pedra, de proveniência provável da Igreja de Santa Maria, entre outros.

Capela Nosso Senhor do Bonfim - Setúbal

A expressão "pequena arca do tesouro", é a que melhor define a pequena Capela de Nosso Senhor do Bonfim, na cidade de Setúbal. A singeleza exterior, de panos lisos, onde ressalta a torre, não diz a exuberância interior.

A igreja, construída por volta do séc. XVII por iniciativa do Padre Diogo Mendes, inicialmente foi dedicada ao Santo Anjo da Guarda, mas a devoção popular ao Senhor do Bonfim ganha importância, tanta que passa a ocupar o lugar do trono. A devoção estende-se até ao Brasil, sendo hoje a Bahia a cidade embaixadora desta devoção.

No seu interior, misturam-se os estilos maneirista, barroco e neoclássico. As paredes são forradas a dois terços por azulejos figurativos de padrão azul e branco. No topo destas uma sucessão de telas pintadas a óleo, relatam alguns passos da vida de Cristo. Dois altares laterais, fecham a composição da nave, onde ainda se contempla o magnífico tecto decorado a óleo com brutescos.

A capela-mor é quase inteiramente dominada pela talha dourada, que expressa esse "céu de ouro", para onde nos conduz o Senhor do Bonfim.

A Sacristia possui ainda alguns ex-votos, e guarda o belíssimo arcaz de vinhático, com respaldo, onde as cenas da Paixão de Cristo desfilam de ambos dos lados da cruz posicionada ao centro.

Em 1728, colocou-se no seu exterior um calvário, cujos alguns passos precedentes ainda podem ser encontrados na cidade.

De destaque é a escultura de tamanho natural em terracota policromada, denominada Nossa Senhora Mãe dos Homens, datada possivelmente do início do século XVIII.





A ARTE NA LEIRA: O espaço onde o Improvável se consolidou

"Há um caminho para o mar pelo silêncio da montanha". Esse caminho é a Serra de Arga. Feita da vastidão e agrura dos seus maciços; emblemática e única em magnitude e beleza; repleta de biodiversidade pela ternura das pastagens entre bosques e lameiros. Rica do silêncio que enche as almas e da humanidade e simplicidade das poucas gentes que a habitam. Foi aqui que, por não resistir ao apelo do Silêncio e do Belo, um "louco", como todos nós, os "normais", o classificamos na altura, intuiu ser o seu espaço uma Leira - onde decidiu acrescentar da sua vida à vida da Serra – pela sua Arte. De seu nome: Mário Rocha. E assim o Improvável se consolidou. Há 23 anos, então, que, de meados de julho a meados de agosto, se regista a correria à Serra, por boa estrada, até à Arga de Baixo. Não sabe onde é? Não se incomode. Escreva no seu Google Maps "Arte na Leira" e o seu Google levá-lo-á até lá, podendo partir dos lados de Caminha ou Ponde de Lima. E o que vai

ver? O Improvável que acontece todos os anos: A Arte do Mário Rocha e dos seus convidados. Irá usufruir da Arte de nomes consagrados; de jovens, alguns já de talento à vista e outros à procura do seu caminho nas mais variadas expressões; da mostra de instituições académicas que lá levam os trabalhos do ano académico dos seus alunos, até crianças, de tenras idades, com talentos espevitados e surpreendentes. Da pintura à cerâmica, à fotografia, às mais inesperadas formas de expressão. Há espaço para todos, da mesma forma que por lá passam desde os mais altos dignatários da nação até ao povo, povo, que corre de Portugal e do estrangeiro e de todas as idades. Mesmo que desnecessária aqui fica a recomenda: lá encontrará, também (obviamente), os bons petiscos do Minho, que pode degustar à sombra de frondosas copas de árvores dispersas pela Leira. Se a maré for mesmo de sorte pode até participar numa boa desgarrada de cantares ao desafio e concertinas bem



timbradas. Tudo envolto na paz e no mistério do ar desta Serra.

Se falarmos do que primeiro se vê em Mário Rocha teremos de referir que é um nome incontornável da pintura portuguesa contemporânea, opinião que (sobretudo) o mercado vem confirmando pelo valor que vem dando à sua obra. Falo do Mário Rocha artista multifacetado: o pintor, o ceramista, o escultor, o arquitecto de interiores, o decorador, etc. A pintura do Mário sente-se antes que se interprete. Sente-se num todo: do traço à cor; da expressão à emoção. No difuso das formas, no simbólico que, por hábito, substitui a representação ou desenho objetivo; no contraste das cores e da textura de cada uma das suas telas. Em cada quadro ou peça, o Mário põe em comum (isto é, comunica) uma história e a vida que nela vive; vidas com muita vida ou, simplesmente, a alma de um momento único.

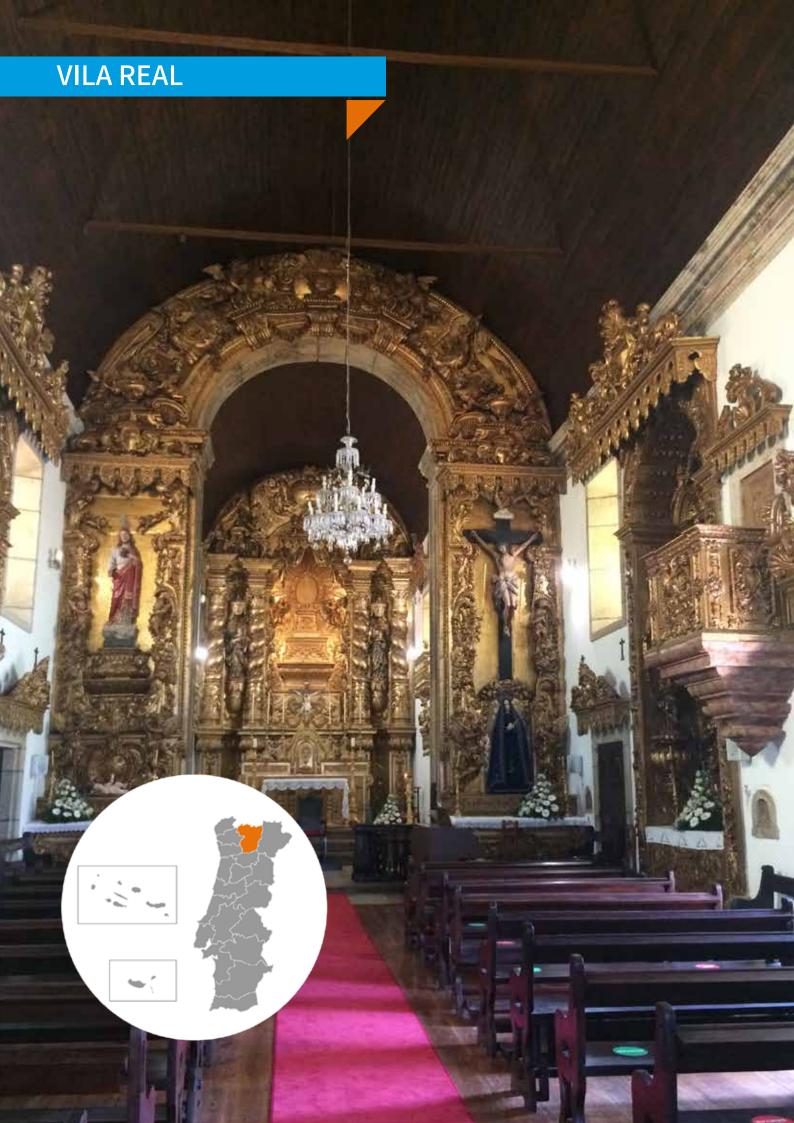
A expressão do Mário é muito mais um registo de vivências do que representação, embora o objeto e o objetivo estejam lá. Preciso, é, saber olhá-los. O objeto está lá, não só de corpo e alma, mas na sua envolvência perfeita, onde nada falta, muitas vezes, nem o "cheiro". Sempre, repito, num arraial de simplicidade.

A pintura do Mário é a mostra mais imediata e franca da sua pessoa e é nesta Serra de Arga e na Arte na Leira que o Mário se abre como em nenhum outro sítio. Abre a sua própria casa, a sua família, os seus amigos; abre a sua pessoa e, sobretudo, a singeleza e o mistério da sua Arte. Abre-se a todos. Abre-se aos que se iniciam e aos consagrados. Abre-se aos seus críticos e aos que o louvam. Abre-se à riqueza da diferença, enquanto valor. Da política à religião.

Que privilégio o nosso, Mário. OBRIGADO.







Igreja de Santa Eulália da Cumieira

Plantada numa cumeada de montanhas, entre as encostas frias e húmidas do Marão e as encostas quentes e ardentes, generosas em vinho, do Douro, encontra-se a vila da Cumieira, a meio caminho entre Vila Real e Santa Marta de Penaguião, concelho de que faz parte.

Aí encontramos a belíssima e harmoniosa de proporções igreja de Santa Eulália, templo do século XVIII. Na frontaria, sobre o portal principal, ostenta a data de 1729, que aponta, certamente, a data da edificação do templo com traços evidentes da arquitectura barroca: grandes janelões, pináculos, profusão de ornamentos graníticos.

Entrando, deparamos com um dos mais impressionantes conjuntos de talha dourada setecentista de todo o Douro e Trás-os-Montes. À excepção de dois pequenos retábulos logo à entrada -e de produção anterior-, todo o conjunto retabular da igreja (composto pelo retábulo-mor, dois retábulos laterais e dois retábulos colaterais integrados na talha do arco cruzeiro), o conjunto impressiona, não só pelas proporções grandiosas como, sobretudo, pela qualidade do trabalho executado no estilo barroco joanino (ou português), já com alguma tendência para o rococó, o que leva a concluir ter sido produzido já na segunda metade do século XVIII. São as colunas espiraladas, enriquecidas com festões, as figuras de anjos (algumas de grandes proporções), os balaústres dourados, as sanefas (numerosas e grandiosas), os púlpitos recobertos a ouro, as grinaldas...

Tudo num efeito notável de harmonia e de composição.

Os dois primeiros retábulos, junto à porta principal (mais modestos nas proporções e de produção prévia aos outros), apresentam duas imagens da Paixão: o Senhor da Cana Verde e o Senhor com a cruz às costas, ou Senhor dos Passos, imagens de grande devoção em toda a região duriense. Em seguida surgem os confessionários (um de cada lado), cujas portas são já coroadas por sane-

fas barrocas. Depois das portas laterais, logo se destacam os dois púlpitos, bem proporcionados e sólidos, também eles cobertos de talha dourada. Vêm depois os grandes altares laterais. Embutidos na parede, revestidos a talha dourada e "coroados" por duas impressionantes sanefas (tipo dossel) também douradas. Aí se ostentam boas imagens de Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora de Fátima, São José e de Nossa Senhora da Breia (nome da família de cuja capela é proveniente a imagem).

Nos altares colaterais, que fazem elegante e grandioso conjunto com a talha que envolve o arco cruzeiro, de enormes proporções, as imagens do Sagrado Coração de Jesus, de Cristo Crucificado e de Nossa Senhora das Dores (de novo a Paixão). A capela-mor é elegante e bem proporcionada, destacando- se aí o grande retábulo-mor. Quatro enormes colunas espiraladas (típicas do barroco joanino) envolvem o trono do Santíssimo Sacramento que produz riquissima impressão. Também aí encontramos festões, grinaldas, palmas, alguns concheados, produzindo um cenário impressionante. Ostenta as imagens, também setecentistas, de Santa Eulália (padroeira) e de Santo António, harmoniosas e bem proporcionadas. Na cornija interior, bem como no aro da porta principal, notam-se restos de pinturas decorativas. É aqui que chegamos à figura do pintor e arquitecto italiano Nicolau Nasoni. Há todas as evidências e razões para acreditarmos que Nasoni trabalhou nesta igreja, sobretudo ao nível da pintura decorativa interior, nos tectos e nas molduras das janelas e portas. Os tectos foram, porém, criminosamente destruídos há algumas décadas. Foi para a foguei-

ra o trabalho de meses de Nasoni. O que resta são

os poucos vestígios desse trabalho de pintura fin-

gida em perspectiva e uma inscrição sobre a porta

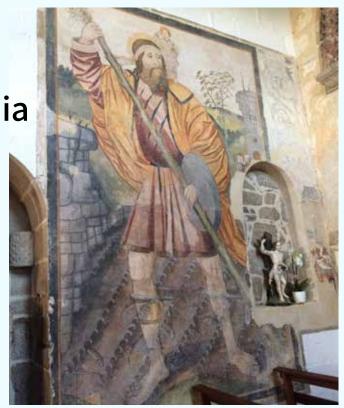
principal que refere o nome do pintor e arquitecto

italiano Nicolau Nasoni e a era de 1739.

O Românico (frescos): igreja de Santa Leocádia

A meia encosta entre o alto da serra do Brunheiro ou o Montenegro, prolongamento da serra da Padrela, e o vale mais ameno de Loivos e Vidago, toda voltada a sul e poente, encontramos a aldeia de Santa Leocádia, já no concelho de Chaves. É cabeça duma freguesia outrora povoadíssima e hoje despovoada, embora composta por várias aldeias em redor. Sensivelmente ao centro geográfico do território da freguesia e paróquia encontra-se a vetusta igreja paroquial, templo de feição original românica, mas, como tantos outros, alvo de diversas alterações ao longo dos séculos. A sua origem deve remontar ao século XII, sendo, portanto, tão velho como Portugal. Sofreu diversas akterações ao longo dos séculos, sendo que as mais evidentes foram realizadas no século XVI (pinturas murais e possível ampliação da capela-mor), e no século XVIII (remodelação da fachada, arranjo exterior e construção de retábulos em madeira).

Do conjunto de pinturas (frescos), mandado executar por um antigo pároco dali e que foi depois bispo de Lamego e de Lisboa e que certamente cobriam grande extensão das paredes da igreja e que, há poucas décadas, foi possível recuperar, destacam-se, na capela-mor, as representações dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, um de cada lado do Altar. Depois há um conjunto de seis pinturas que completam totalmente o espaço, a que poderíamos chamar o ciclo da Natividade ou Evangelho da Infância: Visitação a Santa Isabel; Jesus entre os doutores; a matança dos inocentes, o anúncio aos pastores; apresentação no Templo; fuga para o Egipto. Nas laterais do arco cruzeiro (cuia parte superior ogival é obra de fino entalhe granítico policromado) observam-se representações do martírio de S. Sebastião (alguns elementos), do martírio de Santa Catarina e do Calvário. Nas paredes da Nave ou corpo da igreja, um conjunto de pinturas avulsas: representação do Arcanjo S. Miguel; a



Descida da Cruz e a Pietá; Santa Marta; a Missa de S. Gregório (alguns elementos); uma representação enorme do *gigante* S. Cristóvão; e talvez uma espécie de ex-voto, representando no mar uma nau como as dos descobrimentos, onde se encontra um homem em oração.

Todas as pinturas se encontravam, até aos finais do século passado, revestidas de cal e cobertas pelos retábulos laterais da igreja construídos e instalados ali no século XVIII. Tendo sido estes retirados e deslocados para outra parte da igreja, foi possível trazer de novo os frescos à luz do dia. Quanto aos retábulos da igreja, em número de quatro, são todos de boa feição —embora a reclamar atenção quanto à conservação e até a merecer restauro- podendo classificar-se dois deles ainda dentro do estilo maneirista e dois deles (entre eles o retábulo-mor) no estilo barroco joanino.

Todo o templo é admirável pelos muitos elementos românicos (frestas, janelas, portas em arco, cornija exterior com sua profusa decoração), quer pela quantidade e qualidade das pinturas murais referidas. De referir também a sua localização numa suave encosta de vistas desafogadas, de onde se pode apreciar, numa tarde calma de Verão ou de Outono, um belíssimo arrebol em ambiente totalmente rural.

Os santuários miradouros: Santa Comba

Edificado sobre uma povoação castreja de que ainda há muitos vestígios (e certamente sobre um antigo santuário rupestre), o Santuário de Santa Comba situa-se numa curiosa elevação na ponta sul do concelho de Valpaços, a cerca de mil metros de altitude. Terá sido cristianizado, senão antes, pela presença duma comunidade religiosa ainda antes do século XII. No início da nossa nacionalidade (em 1135) já D. Afonso Henriques doa os territórios em volta como couto aos frades de Santa Comba.

Destaca-se pela abrangência dos seus horizontes, abarcando dali a vista os territórios desde os píncaros do Gerês às serras espanholas da Sanábria, passando pelo Larouco. Desde o Marão, que se vislumbra com esplendor em frente, às terras do Vale do Douro e de Riba Douro, a todo o vale do Tua, terras de Além-Sabor e da Beira Alta, e ainda grande parte do território do distrito de Bragança,

Serra da Nogueira, do Montesinho, de Bornes. Todo o território da serra de Santa Comba é povoado por densas florestas de pinheiro, carvalho, sobreiro e azinho, bem como pelas mais diversas espécies da fauna selvagem das terras de Trás-os--Montes.

É lugar muito procurado para passeios de bicicleta e todo-o-terreno pela floresta e montanha, bem como para longas caminhadas a pé. Muito usado também para descolagens de parapente.

A romaria de Santa Comba realiza-se a 8 de Agosto de cada ano e a ela afluem gentes de vários concelhos (Valpaços, Murça, Mirandela, Chaves, Carrazeda de Ansiães, Vila Flor, etc), muitas em peregrinação a pé.

Ultimamente tem sido frequentemente caracterizado por muitos como o melhor miradouro de Trás--os-Montes.







Capelas de São Macário

Na Serra de São Macário, sita no concelho de São Pedro do Sul, encontram-se duas ermidas dedicadas ao mesmo orago, que distam c. de 200 metros uma da outra: São Macário de Cima, que pertence à paróquia de São Martinho das Moitas, e São Macário de Baixo integrado na paróquia de Sul. Permanece no olvido a origem do culto a São Macário neste local, que se encontra associado à memória de um eremita, cuja lenda, contada com algumas variantes, situa parte da sua vida e morte nesta serra. A capela mais antiga, a de São Macário de Cima, já existia em 1675 e seria um local onde ocorriam muitos devotos, particularmente aos domingos e dias santos, e no dia da sua festa, celebrada no último domingo de julho, em que se enchia de uma "imensidade de gente". A ermida de São Macário de Baixo foi mandada edificar em 1769, pelo abade de Sul, João de Melo Abreu Falcão, na sequência de contenda com o pároco de São Martinho das Moitas, pois ambos reivindicavam as esmolas deixadas pelos muitos devotos. O abade de Sul diligenciou a construção de uma nova capela, nos limites da freguesia, no local da gruta onde, segundo a tradição, São Macário se teria refugiado. Num posicionamento estratégico, que permite contemplar a paisagem envolvente, constituída pelas serras do Montemuro, Estrela e Caramulo e o Vale de Lafões, a capela de São Macário de Cima destaca-se pela singularidade do alto muro de xisto, que se eleva até ao nível do telhado e a protege da força dos ventos frios. A capela de São Macário de Baixo destaca-se pelo seu telhado de xisto e por encaixar no rochedo da gruta, num harmonioso mimetismo de materiais da natureza e elementos construtivos. A visita aos dois espaços, que se ocorrer ao fim do dia permitirá maravilharem-se com a beleza do pôr-do-sol, pode ser acompanhada com a leitura da lenda de São Macário e do poema que lhe dedicou Eugénio de Castro e Almeida (1869-1944).

Casa Memorial Rita Amada de Jesus

Na freguesia de Ribafeita, na povoação de Casal Mendinho (concelho de Viseu), encontramos a Casa Memorial Rita Amada de Jesus, edificada no local onde existiu a casa da sua família, onde viveu e onde estão os gérmenes da vocação e da missão que Deus lhe confiou.

Para além do edifício, toda a envolvente participa das memórias de Rita Amada de Jesus e fazem parte da visita: os espaços por onde passou, a mina onde se refugiou durante as perseguições ocorridas após a implantação da República, a igreja onde foi batizada.

Para além da informação cronológica, desde o seu nascimento à beatificação, na casa são expostos livros, reproduções de cartas e da sua autobiografia, as imagens pelas quais tinha especial devoção e alguns objetos pessoais. Evoca-se a sua morte através das relíquias e a sua obra pelas referências aos sete colégios que fundou e ao envio das Irmãs para o Brasil, após a implantação da República, onde o Instituto Jesus Maria José teve continuidade, disseminando-se posteriormente por vários países, representados num mapa localizado no jardim.







No piso inferior encontra-se a capela, com uma árvore de luz, que representa a Madre Rita, que seguiu sempre a Luz de Cristo e foi ela também luz para muita gente e continua a ser através da presença do instituto e do seu carisma/espiritualidade. Nas pinturas estão os frutos dessa luz, que projetam os três elementos identitários da Madre Rita: Família, Eucaristia e Rosário.

No exterior do edifício ergue-se um imponente monumento, da autoria de Paulo Medeiros, que tal como o painel de fundo da capela é da autoria do artista Paulo Medeiros. A silhueta frontal identifica-nos de imediato a Beata Rita Amada de Jesus, cujo lenço se prolonga em dois sentidos: uma das faixas cai até aos pés estabelecendo a ligação com a terra onde nasceu e a outra desenvolve-se como um caminho cheio de vida.

A Casa Memorial não constitui um santuário, mas sim de um centro de interpretação sobre a sua vida e obra, que testemunha a sua alegria de dizer Deus, a forma como viveu e testemunhou Cristo, convidando-nos a todos nós a dar continuidade a essa alegria e obra num anúncio de Cristo.



Canas de Bambu - a força da sua fé e a grandeza da obra que construiu com humildade, persistência, empreendedorismo, sabedoria e modernidade

JORNADAS NACIONAIS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Confinamentos e Comunicação

ZOOM ZOOM OUT

23 e 24 Setembro

Fátima

Videoconferência

